

Dean Koontz

Os olhos da

– The Eyes of Darkness –

Escuridão



- SUMÁRIO -

TERÇA-FEIRA, 30 DE DEZEMBRO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

QUARTA-FEIRA, 31 DE DEZEMBRO

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

QUINTA-FEIRA, 1º DE JANEIRO

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

SEXTA-FEIRA, 2 DE JANEIRO

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Posfácio

Título original:

The eyes of darkness

Copyright © 1981, 1996 by the Koontz Living Trust

Os olhos da Escuridão

1ª edição: Maio 2020

Direitos reservados desta edição: CDG Edições e Publicações

O conteúdo desta obra é de total responsabilidade do autor e não reflete necessariamente a opinião da editora.

Autor:

Dean Koontz

Tradução:

Débora Isidoro

Preparação de texto:

Luiza Del Monaco

Revisão:

3GB Consulting

Projeto gráfico:

Jéssica Wendy

Diagramação de e-book:

Calil Mello Serviços Editoriais

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
(CIP)**

Koontz, Dean R. (Dean Ray), 1945-

Os olhos da escuridão / Dean Koontz. Tradução: Débora Isidoro --
Porto Alegre : CDG, 2020.

272 p.

ISBN: 978-65-5047-038-8
Título original: The eyes of darkness
1. Ficção norte-americana I. Título

20-1845

CDD B869.3

Angélica Ilacqua - Bibliotecária - CRB-8/7057

Produção editorial e distribuição:



contato@citadeleditora.com.br
www.citadeleditora.com.br

O que os críticos disseram:

“Dean Koontz tem a incrível capacidade de criar relatos fantásticos, mas também de torná-los críveis. Ele explica por que e como isso poderia acontecer, e o faz usando sua compreensão aparentemente infinita da natureza humana.”

— EXAMINER —

“Rápido e furioso... como uma maca de hospital descendo em um tobogã.”

— MAIL ON SUNDAY —

“Koontz está trabalhando exatamente onde a cultura popular se torna algo maior, como aconteceu com Homero, Shakespeare e Dickens. Ele tem um verdadeiro dom.”

— WEEKEND AUSTRALIAN —

Esta obra é para Gerda, com amor. Depois de cinco anos de trabalho, agora que estou quase terminando de dar os retoques finais nos meus primeiros romances publicados sob pseudônimos, pretendo começar a refinar a mim mesmo.

Considerando tudo que precisa ser feito, esse meu novo projeto será chamado de agora em diante como o “plano dos cem anos”.

TERÇA-FEIRA, 30 DE DEZEMBRO

SEIS MINUTOS depois da meia-noite, madrugada de uma terça-feira, a caminho de casa depois do ensaio noturno de seu novo show, Tina Evans viu o filho, Danny, no carro de um desconhecido. Mas Danny havia morrido mais de um ano antes.

A dois quarteirões de casa, Tina parou em um mercadinho vinte e quatro horas, com a intenção de comprar leite e pão integral. Estacionou embaixo da garoa seca e amarelada por um poste de iluminação pública, bem ao lado de uma perua Chevrolet de um bege brilhante. O menino estava no banco da frente do carro, esperando alguém que estava dentro loja. Tina só conseguia vê-lo de perfil, mas ofegou em um reconhecimento doloroso.

Danny.

O garoto devia ter uns doze anos, a mesma idade que teria Danny. Tinha cabelo escuro e abundante como o de Danny, a boca parecida com a de Danny e o queixo delicado, também como o de Danny.

Ela murmurou o nome do filho, como se falar mais alto pudesse afugentar aquela aparição.

Sem saber que era observado, o menino levou a mão à boca e mordeu de leve a articulação do polegar flexionado, uma mania que Danny tinha começado a desenvolver um ano antes de morrer. E Tina havia tentado, sem sucesso, interromper esse mau hábito.

A semelhança daquele menino com Danny parecia ser mais que uma coincidência. De repente, Tina sentiu a boca seca, com

um gosto amargo, e seu coração disparou. Ainda não havia se adaptado ao fato de ter perdido o filho único, simplesmente porque nunca quisera – ou tentara – se adaptar a essa nova realidade. Diante da semelhança daquele menino com seu Danny, era muito fácil considerar a possibilidade de o filho nunca ter morrido.

Talvez... talvez aquele garoto realmente *fosse* Danny. Por que não? Quanto mais considerava essa ideia, menos maluca ela parecia. Afinal, Tina nunca tinha visto o corpo do filho. A polícia e os agentes funerários a haviam prevenido de que Danny havia sido terrivelmente dilacerado, horrivelmente mutilado, e que era melhor que ela não o visse daquela maneira. Nauseada, destroçada pela dor, ela acabou por seguir esses conselhos, e o funeral de Danny aconteceu com o caixão fechado.

Mas talvez eles tivessem se enganado quando identificaram o corpo. Talvez Danny não tivesse morrido no acidente, no final das contas. Talvez tivesse sofrido apenas um ferimento moderado na cabeça, grave o suficiente apenas para provocar uma sequela como... amnésia. Isso. Amnésia. Talvez ele tivesse se afastado do ônibus acidentado e sido encontrado a quilômetros do local do acidente, sem identificação e incapaz de dizer quem era ou de onde vinha. Era possível, não era? Tina já tinha visto histórias semelhantes em filmes. É claro. Amnésia. E se esse fosse o caso, ele poderia ter ido parar em um lar provisório e teria agora uma nova vida. E então estava ali, sentado na perua Chevrolet bege, trazido até ela pelo destino e por...

Num dado momento, o garoto parece que sentiu que estava sendo intensamente observado e se virou. Ela prendeu a respiração enquanto o rosto se movia lentamente. Os dois se olharam através das duas janelas e da estranha luz opaca, e ela teve a sensação de que faziam contato através de um abismo de

espaço, tempo e destino. Mas, inevitavelmente, a fantasia chegou ao fim. Aquele não era Danny.

Ela desviou o olhar do dele e encarou as próprias mãos, que agarravam o volante com tanta força que chegava a doer.

— Droga.

Estava brava com ela mesma. Pensava ser uma mulher forte, equilibrada, preparada para lidar com qualquer coisa que a vida pusesse em seu caminho. Mas a sua completa incapacidade de aceitar a morte de Danny a incomodava.

Depois do choque inicial e do funeral, ela começou a lidar com o trauma. Gradualmente, dia a dia, semana a semana, ia deixando Danny para trás, com tristeza, culpa, lágrimas e muita amargura, mas também com firmeza e determinação. Tinha dado vários passos adiante na carreira no último ano, fazendo uso de sua intensa rotina de trabalho como uma espécie de morfina, com intuito de amortecer a dor até a ferida cicatrizar por completo.

No entanto, algumas semanas antes, ela tinha começado a regredir para a terrível condição em que tinha mergulhado imediatamente depois de receber a notícia do acidente. Sua negação era tão resoluta quanto irracional. Mais uma vez, era possuída pelo sentimento persistente de que o filho ainda estava vivo. O tempo deveria ter criado uma distância cada vez maior entre ela e essa aflição, mas, em vez disso, o passar dos dias a estava levando de volta para o início de todo aquele ciclo de profunda tristeza. Aquele menino na perua bege não era o primeiro que ela imaginava ser Danny; nas últimas semanas, tinha visto o filho perdido em outros carros, em pátios de escola pelas quais passava, nas ruas e em uma poltrona de cinema.

Além disso, era atormentada recentemente por um sonho recorrente em que Danny estava vivo. Todas as vezes que isso acontecia, por algumas horas depois de abrir os olhos ela não

conseguia enfrentar a realidade. De alguma maneira, estava convencida de que seu sonho era uma premonição de um eventual retorno de Danny, de que de alguma forma ele havia sobrevivido e voltaria, em breve, para seus braços.

Essa era uma fantasia maravilhosa, mas que Tina sabia que não poderia sustentar por muito tempo. Embora sempre resistisse à verdade tão dolorida, a cada crise ela ia gradualmente se recompondo e era sempre trazida de volta à realidade, forçada a aceitar que o sonho não era a sua desejada premonição. Mesmo assim, sabia que, quando sonhasse de novo, encontraria esperança renovada no sonho, como já havia acontecido tantas outras vezes.

E isso não era bom.

Doente, ela se censurou.

Olhou para a perua ao lado e viu que o menino ainda a encarava. Ela devolveu o olhar para as mãos tensas e finalmente encontrou forças para soltar o volante.

A dor do luto podia enlouquecer uma pessoa. Tinha ouvido alguém dizer isso e concordava que sim. Mas não permitiria que isso acontecesse com ela. Seria suficientemente rigorosa consigo mesma para manter os pés na realidade – por mais que ela fosse terrivelmente desagradável. Tina não poderia se permitir ter esperança.

Amava Danny com toda a força de seu coração, mas ele havia partido. Tinha sido dilacerado e esmagado em um acidente de ônibus com outros quatorze meninos. Apenas mais uma vítima de uma grande tragédia. Destroçado além da possibilidade de reconhecimento. *Morto*.

Frio.

Apodrecendo.

Em um caixão.

Embaixo da terra.

Para sempre.

Seu lábio inferior estremeceu. Queria chorar, precisava chorar, mas segurou as lágrimas.

O menino no Chevrolet já tinha perdido o interesse nela. Olhava novamente para a porta do mercadinho, esperando quem quer que fosse.

Tina desceu do Honda. A noite estava fresca, mas agradável, e seca como no deserto. Ela respirou fundo e entrou na loja, onde o ar era tão frio que penetrava nos ossos e onde as lâmpadas fluorescentes eram fortes e impessoais demais para incentivar fantasias.

Ela comprou o leite e o pão integral em fatias finas – desses que só come quem está de dieta. Cada porção tem apenas metade das calorias de uma fatia normal. Tina não era mais dançarina; agora trabalhava nos bastidores, na produção final do espetáculo, mas ainda se sentia melhor, física e psicologicamente, quando não deixava seu peso ultrapassar o que mantinha quando subia ao palco.

Cinco minutos depois, ela estava em casa. Tina morava em uma espécie de chácara simples, em um bairro tranquilo. As oliveiras e melaleucas rendadas se mexiam preguiçosas, embaladas pela suave brisa do deserto de Mojave, no sudoeste da Califórnia.

Na cozinha, ela torrou duas fatias de pão. Espalhou sobre elas uma fina cama de manteiga de amendoim, encheu um copo com leite desnatado e se sentou à mesa.

Torrada com manteiga de amendoim era uma das coisas favoritas de Danny, mesmo quando ele era pequeno e muito seletivo em relação ao que comia. Quando era pouco mais que um bebê, ele chamava de “toiada e miduim”.

De olhos fechados, mastigando um pedaço de torrada, Tina quase podia vê-lo aos três anos, com a boca e o queixo sujos de manteiga de amendoim, sorrindo antes de pedir “mais toiada e miduim”.

Ela abriu os olhos assustada, porque a imagem mental era muito nítida, menos uma lembrança e mais parecida com uma *visão*. E nesse momento, ela não queria mergulhar naquelas recordações tão vívidas.

Mas já era tarde demais. O coração deu um nó no peito, o lábio inferior começou a tremer de novo, ela apoiou a cabeça na mesa e desabou em um choro.



Naquela noite, Tina sonhou novamente que Danny estava vivo. De alguma maneira. Em algum lugar. Vivo. E precisava dela.

No sonho, Danny estava em pé à beira de um precipício e Tina estava do outro lado, de frente para ele, enxergando-o através daquele imenso abismo vazio. Danny a chamava pelo nome. Estava sozinho e com medo. E ela estava aflita porque não conseguia encontrar um jeito de alcançá-lo. Enquanto isso, o céu ia escurecendo mais e mais a cada segundo; imensas nuvens de tempestade, como punhos fechados de gigantes celestiais, expulsavam do cenário a última luz do dia. Os gritos de Danny e as respostas dela foram se tornando incrivelmente estridentes e desesperados, porque ambos sabiam que precisavam se encontrar antes de a noite cair, ou se perderiam para sempre. Na escuridão, alguma coisa esperava por Danny, algo pavoroso e que o dominaria se ele continuasse sozinho. De repente, o céu foi rasgado por um raio e logo depois tudo tremeu com o estouro de um trovão. Com isso, a noite implodiu em uma escuridão profunda e infinita.

Tina Evans se sentou na cama com as costas eretas, certa de ter ouvido um barulho na casa. Não era só o trovão do sonho. Ela havia escutado o ruído quando já estava acordando. Era um

som real, não um barulho imaginado.

Tentou ouvir com atenção, pronta para jogar as cobertas longe e pular da cama, mas o silêncio reinava.

A dúvida a invadiu pouco a pouco. Ultimamente, vivia em sobressaltos. Essa não era a primeira noite em que se convencia, erroneamente, de que alguém havia invadido a casa. Em quatro ou cinco ocasiões durante as duas últimas semanas, tinha tirado a pistola da gaveta da mesa de cabeceira e revistado a casa, cômodo por cômodo, sem encontrar ninguém. Tinha consciência de que estava sob enorme pressão, recentemente, tanto pessoal quanto profissional. E talvez o barulho dessa noite fosse, de fato, só barulho do trovão no sonho.

Ela permaneceu alerta por alguns minutos, mas a noite estava tão tranquila que, finalmente, teve que reconhecer que estava sozinha. O coração desacelerou e ela finalmente conseguiu deitar a cabeça no travesseiro.

Em momentos como esse, lamentava não estar mais junto de Michael. De olhos fechados, imaginou-se deitada ao lado dele, estendendo a mão para ele no escuro, tocando-o e se aconchegando, buscando abrigo em seus braços. Ele a confortaria e tranquilizaria, e, depois de um tempo, ela voltaria a dormir.

Bem, se ela e Michael estivessem na cama nesse exato minuto, talvez as coisas não acontecessem bem assim. Eles fariam amor, depois discutiriam, ele resistiria ao afeto, a rejeitaria e então provocaria uma briga. Uma grande discussão seria desencadeada por causa de uma bobagem qualquer até se transformar em uma verdadeira guerra conjugal. Os últimos meses de vida em comum dos dois foram assim. Ele vibrando de hostilidade, sempre procurando uma desculpa para descarregar a raiva nela.

Tina amou Michael até o fim, por isso ficou triste e magoada quando a relação acabou. Mas não podia negar que também

ficou aliviada quando, finalmente, ele foi embora de casa.

Perdeu o filho e o marido no mesmo ano, primeiro o homem, depois o menino, o filho para a morte, o marido, para os ventos da mudança. Durante os doze anos de casamento, Tina se tornara uma pessoa diferente e mais complexa do que era no dia em que se casou, mas Michael não mudara absolutamente nada – e deixou de gostar da mulher que ela se tornara. Começaram o namoro completamente apaixonados, compartilhando cada detalhe da vida diária, triunfos e fracassos, alegrias e frustrações, mas, quando o divórcio aconteceu, era como se fossem dois estranhos. Michael ainda morava na mesma cidade, a menos de um quilômetro e meio dela, mas era, em alguns aspectos, tão distante e inacessível quanto Danny.

Ela suspirou resignada e abriu os olhos.

Não tinha mais sono, mas sabia que precisava descansar. Teria que estar inteira na manhã seguinte.

Esse seria um dos dias mais importantes de sua vida: 30 de dezembro. Em outros anos, a data nunca havia tido um significado especial. Mas, para o bem ou para o mal, *esse* 30 de dezembro era como o fio do qual pendia todo o seu futuro.

Durante quinze anos, desde que completara dezoito, dois anos antes de se casar com Michael, Tina viveu e trabalhou em Las Vegas. Começou a carreira como dançarina – não em boates baratas, era uma profissional reconhecida – no Lido de Paris, apresentando-se em gigantesco palco no Stardust Hotel. O Lido era uma dessas produções incrivelmente luxuosas que não eram vistas em nenhum lugar do mundo além de Vegas, porque só ali um show de muitos milhões de dólares poderia ser apresentado, ano após ano, sem muita preocupação com lucro. Os valores gastos com cenários e figurinos, elenco e equipe eram tão altos que o hotel ficava satisfeito quando a produção apenas cobria as despesas com a venda de ingressos

e bebidas. Afinal, por mais fantástico que fosse, o show era apenas um chamariz, uma isca, que tinha o único propósito de levar alguns milhares de pessoas ao hotel todas as noites. Nas idas e vindas da sala de espetáculo, as pessoas tinham que passar pelas mesas de jogos, pelas roletas e pelas fileiras cintilantes dos caça-níqueis, e era *ali* que o lucro acontecia. Tina gostava de dançar no Lido, e trabalhou lá por dois anos e meio, até descobrir que estava grávida, quando decidiu se afastar do trabalho para esperar e dar à luz Danny e depois para passar os dias com ele nos primeiros meses de vida. Foi só quando Danny tinha seis meses que Tina voltou a treinar para recuperar a forma, e em três meses de trabalho duro ela conseguiu uma vaga de corista em um espetáculo de Las Vegas. Ela conseguia administrar o trabalho e a maternidade, embora nem sempre fosse fácil; amava Danny, adorava dançar, e se sentia realizada com a dupla jornada.

Cinco anos antes, porém, em seu vigésimo oitavo aniversário, ela havia começado a perceber que, com alguma sorte, teria apenas mais uns dez anos como dançarina, e então decidira se estabelecer no ramo abraçando outras funções, na tentativa de evitar ser posta de lado quando estivesse perto dos quarenta.

Tina conseguiu um emprego como coreógrafa em uma casa de shows de quinta categoria, uma imitação barata do multimilionário Lido, e, com o tempo, também se tornou responsável pelo figurino. A partir daí, foi mudando de emprego e progredindo em funções semelhantes e em casas um pouco melhores. Depois de um tempo, atuou em pequenas casas de espetáculo – para quatrocentas ou quinhentas pessoas – em hotéis um pouco mais sofisticados, mas ainda com orçamentos limitados para espetáculos. Com o passar dos anos, tornou-se diretora de uma dessas casas, depois diretora e produtora de outra. Aos poucos ia se tornando um nome

respeitado no fechado mundo de entretenimento em Vegas, e acreditava estar bem perto de alcançar o que poderia chamar de uma carreira de sucesso.

Quase um ano antes, pouco depois da morte de Danny, Tina foi convidada a dirigir e coproduzir uma enorme extravagância de espetáculo, com orçamento de dez milhões de dólares e que seria apresentado na principal sala – com dois mil assentos – do Golden Pyramide, um dos maiores e mais luxuosos hotéis da Las Vegas Strip. De início, ela sentiu que o universo estava de brincadeira com ela, fazendo com que essa oportunidade maravilhosa aparecesse antes de ela ter tempo de viver o luto pela morte de seu menino. Era como se o destino fosse superficial e insensível o bastante para achar que seria possível compensar a morte de Danny com o emprego dos sonhos de Tina. Embora estivesse amargurada e deprimida, embora se sentisse completamente vazia e inútil – ou, talvez, exatamente por isso –, ela acabou aceitando o emprego.

O novo show já tinha um nome, *Magyck!*, isso porque os vários números de grandes apresentações de dança eram todos de mágicos, e também porque a produção contava com efeitos especiais elaborados e temas sobrenaturais.

A grafia do nome do espetáculo não era criação de Tina, mas quase todo o resto era, e ela estava satisfeita com o que tinha construído – e exausta também. No último ano, havia mergulhado em uma rotina maluca de doze ou quatorze horas diárias, sem férias e com raras folgas de fim de semana.

Mesmo assim, mesmo preocupada como estava com *Magyck!*, ajustar-se à morte de Danny continuou sendo muito difícil. Há um mês, pela primeira vez, ela havia pensado que estava começando a superar o luto. Conseguia pensar no filho sem chorar, visitar seu túmulo sem ser esmagada por uma profunda tristeza. De modo geral, sentia-se razoavelmente bem, até mesmo um pouco feliz. Nunca esqueceria a criança

doce que foi uma parte tão grande dela, mas não se via mais vivendo em torno do enorme buraco que ele deixara. A ferida ainda doía, mas estava cicatrizando.

Isso foi o que ela pensou um mês antes. Por uma ou duas semanas, continuou progredindo em direção à aceitação, mas então foi acometida por novos sonhos, que eram ainda piores que os que havia tido imediatamente após a morte de Danny.

Talvez a ansiedade em relação à reação do público ao espetáculo a fizesse lembrar a enorme ansiedade que sentira quando esperava pelo nascimento de Danny. Em menos de dezessete horas – às oito da noite do dia 30 de dezembro –, o Golden Pyramid Hotel apresentaria uma *première* especial, apenas com convidados VIP, para promover o *Magyck!*. E na noite seguinte, véspera de Ano-Novo, aconteceria a estreia oficial para o público em geral. Se a reação da plateia fosse tão forte e positiva quanto Tina esperava, sua vida financeira estaria de certa forma resolvida, porque o contrato garantia a ela 2,5% da receita bruta dos ingressos, depois de atingidos os primeiros cinco milhões. Se o *Magyck!* fosse um sucesso e lotasse a sala por quatro ou cinco anos, como às vezes acontecia com os shows bem-sucedidos em Vegas, no final da temporada ela seria multimilionária. Se a produção fosse um fracasso e não agradasse ao público, entretanto, ela poderia voltar a trabalhar em pequenas casas noturnas. A indústria de espetáculos em Las Vegas, de qualquer forma, era uma empreitada impiedosa.

Tina tinha bons motivos para estar sofrendo crises de ansiedade. O medo obsessivo de a casa ser invadida, os sonhos inquietantes com Danny, o luto renovado – todas essas coisas podiam derivar da preocupação com o *Magyck!*. E se assim fosse, os sintomas desapareceriam no momento em que o destino do espetáculo ficasse evidente. Ela só precisava enfrentar os próximos dias, e, na calma relativa que viria a seguir, talvez conseguisse retomar os cuidados consigo mesma.

Enquanto isso, só precisava voltar a dormir. Tinha uma reunião marcada para as dez da manhã com dois agentes que consideravam reservar oito mil ingressos para o *Magyck!* durante os três primeiros meses da temporada. Depois, à uma hora da tarde, todo o elenco e a equipe se reuniriam para o último ensaio com figurino.

Ela ajeitou os travesseiros, esticou as cobertas e puxou a camisola curta que usava para dormir. Tentou relaxar, fechando os olhos e imaginando a maré banhando uma praia prateada em uma noite tranquila.

Tum!

Ela sentou na cama.

Alguma coisa tinha caído em outra parte da casa. Devia ter sido um objeto grande, porque, apesar de as paredes terem abafado o baque, o barulho fora alto o bastante para despertá-la.

O que quer que tenha sido... não havia simplesmente caído. Havia sido derrubado. Objetos pesados não simplesmente caem sozinhos em cômodos vazios.

Ela inclinou a cabeça, ouviu com atenção. Outro barulho mais baixo seguiu o primeiro. Não durou o suficiente para Tina conseguir identificar a fonte, mas havia uma furtividade nele. Dessa vez, não estava imaginando uma ameaça. Havia, de fato, alguém na casa.

Sentada na cama, ela acendeu o abajur e abriu a gaveta da mesa de cabeceira. A pistola estava carregada. Ela soltou as duas travas de segurança.

Por um tempo, ficou ouvindo.

No silêncio ressecado da noite do deserto, imaginou que podia sentir um invasor também atento, ouvindo cada ruído que ela fazia.

Ela se levantou da cama e calçou os chinelos. Segurando a arma com a mão direita, aproximou-se da porta do quarto sem

fazer nenhum barulho.

Pensou em chamar a polícia, mas temia fazer papel de idiota. E se eles viessem, chegassem com as luzes piscando e as sirenes ligadas e não encontrassem ninguém? Se chamasse a polícia cada vez que imaginava ter ouvido alguém invadindo a casa nas últimas duas semanas, eles certamente achariam que ela era uma maluca. E Tina era orgulhosa, não suportava a ideia de parecer histérica aos olhos de policiais – muito provavelmente homens – que ofereceria um sorriso amarelo para ela e, mais tarde, enquanto tomavam café e comiam *donuts*, fariam piadas a seu respeito. Nada disso. Verificaria a casa ela mesma, sozinha.

Com a pistola apontada para o teto, encaixou uma bala na câmara.

Respirando fundo, ela destrancou a porta do quarto e saiu.

TINA REVISTOU a casa toda, exceto o antigo quarto de Danny, e não encontrou o invasor. Teria quase preferido achar alguém escondido na cozinha ou encolhido em um *closet*, em vez de ser forçada a entrar naquele espaço onde a tristeza parecia morar como inquilina. Agora, entretanto, não tinha escolha.

Pouco mais de um ano antes de morrer, Danny tinha passado a dormir do outro lado da casa, no extremo oposto ao quarto principal, onde antes ficava a pequena sala de estar. Não muito depois de seu décimo aniversário, o garoto havia pedido mais espaço e privacidade do que tinha em seu quarto. Michael e Tina concordaram e ajudaram a levar as coisas dele para a sala, depois mudaram o sofá, a poltrona, a mesinha de centro e a televisão para o quarto antes ocupado por Danny.

Na época, Tina teve certeza de que o filho ouvia as discussões que ela e Michael tinham à noite no quarto do casal, vizinho ao dele, e que o pedido para ocupar a sala era por causa disso, para não ter que ouvir as brigas dos pais. Naquela época, ela e Michael ainda não gritavam um com o outro; discutiam em tom normal, às vezes até cochichando, mas Danny provavelmente ouvia o suficiente para saber que estavam com problemas.

Ela ficou triste por ele ter percebido tudo, mas não disse nada; não deu explicações nem ofereceu garantias. Para começo de conversa, ela não sabia o que *poderia* dizer ao garoto. Certamente, não podia dividir com ele a avaliação que fazia da situação: *Danny, querido, não se preocupe com nada que possa ter ouvido do outro lado da parede. Seu pai só está sofrendo uma crise de*

identidade. Ele tem sido um babaca ultimamente, mas isso vai passar. Aliás, esse tinha sido outro motivo pelo qual não tentara explicar para Danny os problemas que ela e Michael enfrentavam, por realmente acreditar que as dificuldades eram temporárias. Tina amava o marido e tinha certeza de que o poder do amor traria de volta a magia do casamento. Seis meses mais tarde, Michael saiu de casa, e menos de cinco meses depois da separação, eles assinaram o divórcio.

Agora, ansiosa para concluir a busca pelo invasor em sua casa – que começava a parecer tão imaginário quanto todos os que havia procurado em outras noites –, ela abriu a porta do quarto de Danny, acendeu a luz e entrou.

Ninguém.

Segurando a pistola diante do corpo, ela se aproximou do *closet*, hesitou, depois empurrou a porta de correr. Também não tinha ninguém escondido lá dentro. Apesar do barulho que ouvira, estava sozinha na casa.

Enquanto olhava para as coisas que estavam no armário, já com cheiro de mofo – sapatos, jeans, calça preta, camisas, suéteres, o boné azul dos Dodger's, o terninho azul que ele usava em ocasiões especiais –, um nó se formou em sua garganta. Rapidamente, ela fechou a porta e apoiou as costas nela.

Apesar de o funeral ter acontecido mais de um ano antes, ainda não havia conseguido se desfazer das coisas de Danny. De alguma maneira, o ato de doar suas roupas teria sido ainda mais triste e mais definitivo do que ver o caixão baixar à sepultura.

As roupas dele não eram as únicas coisas que ela tinha mantido: o quarto inteiro continuava intacto, exatamente como ele o havia deixado. A cama estava arrumada, e vários bonecos de personagens de filmes de ficção científica ainda estavam em cima da larga cabeceira. Mais de cem livros enfileirados em

ordem alfabética ocupavam as cinco prateleiras da estante. A escrivadinha ficava encostada em um canto. Tubos de cola, miniaturas de garrafas esmaltadas de todas as cores e uma coleção de ferramentas para modelagem organizadas em fileiras perfeitas cobriam metade da mesa; a outra metade não tinha nada, era um espaço vazio, como que à espera de Danny para começar um novo trabalho. Nove aviões ocupavam uma prateleira, e havia mais três pendurados no teto. As paredes eram decoradas com pôsteres separados por espaços regulares que Danny havia calculado com cuidado: três astros de beisebol e cinco monstros de filmes de terror.

Diferentemente de muitos meninos de sua idade, ele mantinha o quarto sempre limpo e organizado. Em respeito a isso, Tina instruíra a Sra. Neddler, que fazia a limpeza duas vezes por semana, a apenas aspirar e tirar o pó do quarto, como se nada houvesse acontecido. O lugar permanecia impecável, como sempre.

Olhando para os brinquedos e tesouros infantis do menino morto, Tina percebeu, não pela primeira vez, que não era saudável manter o lugar como se fosse um museu ou um altar. Enquanto deixasse as coisas dele em seus lugares, continuaria alimentando a esperança de Danny estar vivo, apenas afastado por um tempo, em algum lugar, esperando pelo momento em que retomaria a vida exatamente de onde havia parado. A incapacidade de desmontar aquele quarto a amedrontava. De repente, pela primeira vez, tudo aquilo parecia ser mais do que uma fraqueza de espírito, mas uma indicação de uma séria doença mental. Ela *precisava* deixar o filho descansar em paz. Para conseguir parar de sonhar com o menino, tinha que controlar sua dor, e esse processo de recuperação tinha de começar ali, naquele quarto, abdicando de uma vez por todas da necessidade irracional de preservar as coisas do menino.

Ela decidiu que esvaziaria o quarto na quinta-feira, dia de

Ano-Novo. Nesse dia, a *première* e a estreia oficial de *Magyck!* já teriam acontecido e ela estaria mais calma. Conseguiria relaxar e tirar alguns dias de folga. Estava decidido, começaria passando a tarde de quinta-feira no quarto de Danny, encaixotando roupas, brinquedos e pôsteres.

Assim que tomou essa decisão, boa parte do nervosismo se dissipou. Cansada e já sem forças, ela se preparou para voltar para a cama.

Quando começou a andar de volta ao quarto, viu o cavalete, parou e voltou. Danny gostava de desenhar, e o cavalete, bem como uma caixa de lápis, canetas e tintas, tinham sido o seu presente de aniversário de nove anos. De um lado era cavalete, do outro, uma lousa. Danny o mantinha em um canto do quarto, do outro lado da cama, encostado à parede, e era lá que ele estava na última vez que Tina esteve ali. Mas agora estava caído, com a base apoiada na parede e a lousa voltada para baixo, apoiada sobre uma mesa de jogo. Antes, em cima daquela mesa havia um jogo de Batalha Naval eletrônico. Tinha ficado lá exatamente como Danny deixara, pronto para jogar, mas o cavalete tombado havia derrubado tudo no chão.

Pelo jeito, era essa a origem do barulho que Tina ouvira, mas ela não conseguia imaginar o que poderia ter derrubado o cavalete. Não fazia sentido ter caído sozinho.

Ela soltou a arma, deu a volta na cama e levantou o cavalete, devolvendo-o à base. Depois recolheu as peças do jogo de Batalha Naval e as colocou sobre a mesa.

Quando recolheu os bastões de giz e o apagador e os devolveu à base da lousa, ela percebeu três palavras rabiscadas de forma grosseira na superfície escura:

NÃO ESTÁ MORTO

Tina estranhou a mensagem.

Tinha certeza absoluta de que a lousa estava limpa quando Danny saiu para aquela excursão. E estava limpa na última vez em que ela esteve no quarto.

Com alguma lentidão, enquanto tocava as palavras na lousa com a ponta dos dedos, o possível significado se anunciou. Como uma esponja absorvendo água, ela sentiu o frio da superfície da lousa. *NÃO ESTÁ MORTO*. Era uma negação da morte de Danny. Uma recusa furiosa da horrível verdade. Mais um desafio à realidade.

Em um de seus terríveis surtos de dor, em um momento de desespero sombrio e louco, teria entrado nesse quarto e, sem perceber, riscado as palavras na lousa de Danny?

Tina não se lembrava de ter feito isso. Se a mensagem tinha sido escrita por ela, devia estar sofrendo apagões que não percebia. Ou sonambulismo. Mas as duas possibilidades pareciam inacreditáveis.

Deus do céu, era impensável.

As palavras deviam ter estado ali o tempo todo e ela simplesmente não as tinha notado. Danny devia tê-las escrito antes de morrer. Mas a caligrafia dele era impecável, como tudo que fazia, não garranchos como os que compunham essa mensagem. Mesmo assim, devia ter sido ele. *Tinha* que ter sido ele.

Mas e a referência óbvia que essas três palavras faziam ao acidente de ônibus em que ele havia morrido?

Coincidência. Danny havia escrito sobre outra coisa, é claro, e a interpretação sombria que podia ser feita dessas palavras agora, depois de sua morte, era só uma coincidência macabra.

Ela se recusava a considerar qualquer outra possibilidade, porque as alternativas eram assustadoras demais.

Tina envolveu os braços em seu próprio corpo. Suas mãos estavam geladas, ela podia sentir através da camisola.

Tremendo, ela apagou as palavras da lousa, pegou a pistola, saiu do quarto e fechou a porta atrás de si.

Estava completamente alerta, mas sabia que precisava descansar um pouco. Tinha muito o que fazer pela manhã. Um dia cheio a esperava.

Na cozinha, ela abriu o armário ao lado da pia e pegou uma garrafa de Wild Turkey, o uísque preferido de Michael, e serviu uma dose dupla em um copo de água. Apesar de não beber muito, não passar de uma taça de vinho de vez em quando e não ter nenhuma resistência para bebidas mais fortes, ela esvaziou o copo em dois goles. O sabor amargo provocou uma careta, e nesse momento ela se perguntou como Michael podia elogiar tanto a suavidade daquela bebida. Depois de uma breve hesitação, serviu mais uma dose. Bebeu depressa, como uma criança engolindo remédio, e guardou a garrafa.

Deitada novamente, ela se aninhou embaixo das cobertas, fechou os olhos e tentou não pensar na lousa. Como não conseguia banir a imagem de sua mente, tentou modificá-la, apagando mentalmente as palavras. No entanto, dentro de sua cabeça, as doze letras apareceram novamente na lousa: **NÃO ESTÁ MORTO**. Apesar de apagá-las várias vezes, elas insistiam em voltar. Tina ficou meio tonta por causa do uísque e, finalmente, caiu no sono.

NA TARDE de terça-feira, Tina assistia ao último ensaio de figurino de *Magyck!* de uma cadeira no meio da sala de espetáculos do Golden Pyramid.

O teatro tinha o formato de um enorme leque sob um teto alto e abobadado. O piso da sala era inclinado e descia em direção ao palco, alternando galerias largas e estreitas. Nos níveis mais largos, longas mesas de jantar cobertas com toalhas brancas ofereciam um ângulo de visão privilegiado para o palco. E cada galeria estreita consistia em um corredor de um metro de largura com um corrimão baixo de um lado, uma fileira curva de bancos altos e estofados e mesinhas do outro. O foco de todos os assentos estava voltado para o imenso palco, desses que só fazem sentido em Las Vegas, mais de cinquenta por cento maior que o maior palco da Broadway. Era tão grande que um avião DC-9 podia ser levado para o palco e, ainda assim, metade do espaço continuaria disponível – façanha que havia sido de fato realizada em um palco parecido com aquele em um hotel em Reno, vários anos antes. O uso elegante de veludo azul, couro escuro, lustres de cristal e carpete também azul e encorpado, além de um excelente senso de iluminação dramática, davam ao espaço gigantesco um pouco do clima de um cabaré aconchegante, apesar do tamanho.

Tina sentou-se em um dos bancos da terceira fileira e bebia água gelada em pequenos goles aflitos enquanto assistia ao show.

O ensaio com figurino transcorreu sem problemas. Com sete

números enormes, cinco grandes atos, quarenta e duas dançarinas, quarenta e dois dançarinos, quinze coristas, dois cantores, duas cantoras (uma delas temperamental), quarenta e sete técnicos e operários na equipe, uma orquestra de vinte músicos, um elefante, um leão, duas panteras negras, seis *golden retrievers* e doze pombas brancas, a logística era terrivelmente complicada, mas o ano inteiro de trabalho duro ficava evidente na evolução impecável e sem tropeços do espetáculo.

No fim, elenco e equipe se reuniram sobre o palco e aplaudiram a si mesmos, em comemoração, trocando beijos e abraços. Havia uma euforia no ar, um prenúncio de triunfo, uma expectativa nervosa de sucesso.

Joel Bandiri, coprodutor de Tina, assistiu ao espetáculo de um banco na primeira fileira, o espaço VIP, onde figurões e outros amigos do hotel estariam sentados nas noites de apresentação. Assim que o ensaio acabou, Joel saltou do assento, correu pela fileira, subiu os degraus até a terceira fileira na direção de Tina.

— Conseguimos! — Joel gritou ao chegar perto dela. — Nós colocamos essa engrenagem toda para funcionar!

Tina se levantou do banco para também ir ao encontro dele.

— Vai ser um sucesso, mulher! — Joel exclamou, abraçando-a com força enquanto dava um beijo molhado em seu rosto.

Ela o abraçou com entusiasmo.

— Você acha? De verdade?

— Eu acho? Não, eu tenho certeza! Um estrondo. É isso que temos. Um verdadeiro estrondo! Um gigante!

— Obrigada, Joel. Obrigada, obrigada, obrigada.

— O quê? Por que você está me agradecendo?

— Por me dar uma chance de me colocar à prova.

— Ei, isso não foi favor nenhum, Tina. Você trabalhou duro e merece cada centavo que vai ganhar com essa belezinha. E eu

sabia que seria assim. Formamos uma ótima equipe. Qualquer outra pessoa que tentasse fazer tudo isso teria acabado com um grande *problema* nas mãos. Mas você e eu, nós dois, transformamos isso em um sucesso.

Joel era um homem pequeno e excêntrico: pouco mais de um metro e sessenta de altura, roliço, mas não gordo, com cabelo castanho e encaracolado que permanentemente parecia estar arrepiado por conta de um choque elétrico. O rosto, largo e cômico como o de um palhaço, podia se distorcer em uma série infinita de expressões elásticas. Ele vestia jeans, uma camisa azul barata, mas usava o equivalente a duzentos mil dólares em anéis. Eram seis em cada mão, alguns com diamantes, alguns com esmeraldas, um com um grande rubi e outro com uma opala maior ainda. Como sempre, parecia estar alterado por alguma substância, explodindo de energia. Quando finalmente liberou Tina de seu abraço, ele não conseguia parar quieto. Alternava o peso de um pé para o outro enquanto falava sobre *Magyck!*, virava para lá e para cá, fazia gestos expansivos e rápidos com as mãos cintilantes de pedras preciosas. Ele mesmo, sozinho, já parecia um espetáculo completo.

Aos quarenta e seis anos, Joel era o produtor de maior sucesso em Las Vegas, com vinte anos de espetáculos bem-sucedidos no currículo. As palavras “Joel Bandiri apresenta” em um letreiro eram garantia de entretenimento de primeira. Ele havia investido parte de sua renda considerável em imóveis em Las Vegas, em ações de dois hotéis, em um comércio de automóveis e em um cassino no centro da cidade. Era tão rico que podia se aposentar e passar o resto da vida cercado do luxo e ostentação de que tanto gostava. Mas Joel nunca pararia por vontade própria. Ele amava seu trabalho. Provavelmente, morreria no palco, resolvendo alguma grande crise de uma das suas gigantescas produções.

Ele viu o trabalho de Tina em algumas casas noturnas pela

cidade e a surpreendeu com a oferta de uma oportunidade para coproduzir *Magyck!* junto dele. De início, ela não teve certeza se deveria aceitar o emprego. Conhecia a reputação de perfeccionista que ele carregava e sabia que exigia um esforço sobre-humano de sua equipe. Além disso, ela também se preocupava com o fato de ser responsável por um orçamento de dez milhões de dólares. Trabalhar com essa quantidade de dinheiro não era um simples passo em sua carreira, era um salto gigantesco.

Joel, entretanto, conseguiu convencê-la de que ela não teria dificuldade para acompanhar seu ritmo ou atender a seus padrões, e de que estava à altura do desafio. Ele a ajudou a descobrir novas reservas de energia e novas áreas de competência. Tornou-se não só um valioso parceiro comercial, mas também um bom amigo, um irmão.

E agora, aparentemente, eles haviam criado um grande sucesso juntos.

Em pé no deslumbrante teatro, Tina olhou para os artistas em seus figurinos coloridos no palco, depois para o rosto expressivo de Joel, e ouviu seu coprodutor falar com orgulho e sem modéstia sobre o trabalho que tinham desenvolvido. Nesse momento, ela se sentia mais feliz do que tinha sentido em muito tempo. Se os convidados da *première* reagissem com entusiasmo, teria que comprar pesos de chumbo para não sair flutuando quando andasse.

Vinte minutos mais tarde, às quinze para as quatro da tarde, ela pisou no chão de pedras na frente da entrada principal do hotel e entregou o comprovante ao manobrista do serviço de *valet*. Enquanto ele ia buscar o carro, ela ficou esperando sob o sol morno de fim de tarde, incapaz de conter o sorriso.

Tina olhou para trás e encarou o Golden Pyramid Hotel-Casino. Seu futuro estava inseparavelmente conectado ao daquela extravagante, mas inegavelmente impressionante,

pilha de concreto e aço. As pesadas portas giratórias de bronze e vidro brilhavam em movimento, deixando passar um fluxo constante de pessoas. Muralhas de pedras cor-de-rosa se estendiam por centenas de metros dos dois lados da entrada. Essas paredes sem janelas eram decoradas de forma exuberante com enormes moedas de pedra, formando uma torrente abundante de moedas que fluía de uma cornucópia também feita de pedra. Lá em cima, o teto da imensa *porte-cochère* era revestido com centenas de luzes. Nenhuma delas estava acesa agora, mas quando a noite caísse elas despejariam brilho dourado e ofuscante sobre as lustrosas pedras no chão. O custo de construção do hotel foi superior a quatrocentos milhões de dólares, e os proprietários fizeram questão de que cada centavo ficasse evidente no exuberante prédio. Tina imaginava que algumas pessoas certamente achavam que o hotel era ridículo, cafona, de mau gosto e feio – mas ela amava aquele lugar, porque foi nele que encontrou sua grande chance.

Até agora, o 30 de dezembro tinha sido um dia movimentado, barulhento e empolgante no Pyramid. Depois da relativa tranquilidade da semana de Natal, o fluxo ininterrupto de hóspedes entrando pela porta da frente do hotel voltava à normalidade. As reservas antecipadas indicavam um recorde de público no Ano-Novo em Las Vegas. O Pyramid, com quase três mil quartos, estava lotado, como todos os hotéis da cidade. Alguns minutos depois das onze horas da manhã, uma secretária de San Diego colocou alguns dólares no *slot* de um caça-níqueis e ganhou a incrível quantia de quatrocentos e noventa e cinco mil dólares; a notícia chegou rapidamente aos bastidores do espetáculo. Pouco antes do meio-dia, dois milionários de Dallas se sentaram em uma das mesas de aposta e, em três horas, perderam duzentos e cinquenta mil dólares; eles riam e brincavam quando deixaram a mesa para tentar a sorte em outro jogo. Carol Hirson, uma

garçonete do bar que tinha ficado próxima de Tina no último ano, havia contado a ela sobre os texanos azarados alguns minutos antes. Carol estava toda empolgada e feliz porque os ricaços deram a ela uma gorjeta substancial, como se estivessem ganhando, não perdendo dinheiro, por servir meia dúzia de drinques aos dois. Em algumas horas, ela ganhou mil e duzentos dólares.

Frank Sinatra estava na cidade, no Caesar's Palace, talvez pela última vez, e mesmo aos oitenta anos de idade, ainda gerava mais entusiasmo em Vegas do que qualquer outro nome famoso. Ao longo de toda a Las Vegas Strip, e nos cassinos menos luxuosos, mas ainda assim lotados, no centro da cidade, a atmosfera era vibrante.

E em poucas horas, aconteceria a *première* de *Magyck!*

O *valet* chegou com o carro, e Tina deu uma gorjeta a ele.

— Arrase hoje à noite, Tina — ele disse.

— Meu Deus, espero que sim.

Ela chegou em casa às quatro e quinze. Tinha duas horas e meia antes de ter de voltar ao hotel.

Não precisava de todo esse tempo para tomar um banho e se arrumar, por isso decidiu começar a encaixotar algumas coisas de Danny. Essa era a hora certa para começar a tarefa desagradável. Estava tão bem-disposta que achava que nem a visão do quarto dele poderia deprimi-la, como sempre acontecia. Era inútil adiar até quinta-feira, como havia planejado. Tinha tempo para pelo menos começar a encaixotar as roupas do menino.

Quando entrou no quarto de Danny, ela viu imediatamente que o cavalete-lousa estava tombado de novo. Ela o levantou.

E, de novo, viu três palavras escritas na lousa:

NÃO ESTÁ MORTO

Um arrepio percorreu suas costas.

Na noite anterior, depois de beber o uísque, ela teria voltado ao quarto em um lapso de sentidos e...?

Não.

Ela não perdeu os sentidos. Não foi ela quem escreveu aquelas palavras. Não estava enlouquecendo. Não era o tipo de pessoa que perderia a razão dessa maneira. Nem mesmo por um motivo forte como *esse*. Era uma mulher forte. Sempre se orgulhara da própria resiliência.

Tina pegou o apagador e limpou novamente a lousa com movimentos vigorosos.

Alguém estava fazendo um jogo doente e cruel com ela. Alguém havia entrado na casa enquanto ela estava fora e escrito aquelas palavras na lousa outra vez. Quem quer que fosse, certamente queria esfregar na cara dela a tragédia que se esforçava tanto para superar.

A única outra pessoa que tinha passe livre na casa era a faxineira, Vivienne Neddler, que deveria ter vindo naquela tarde, mas havia avisado Tina que especialmente naquele dia trocaria o turno da tarde pelo da noite, enquanto Tina estivesse na *première*.

Entretanto, mesmo que Vivienne tivesse vindo no horário combinado inicialmente, ela jamais teria escrito aquelas palavras na lousa. Era uma senhora doce, animada e um pouco teimosa, mas definitivamente não era o tipo de pessoa que fazia brincadeiras cruéis.

Tina pensou um pouco, tentando encontrar alguém que pudesse culpar, e um nome surgiu em sua cabeça. Era o único suspeito possível. Michael. Seu ex-marido. Não havia nenhum sinal de arrombamento na casa, nenhuma evidência de uma entrada forçada, e ele era a única pessoa, além de Tina e Vivienne, que tinha uma cópia da chave. Depois do divórcio, ela não chegara a trocar as fechaduras.

Arrasado com a perda do filho, Michael se tornara irracionalmente cruel com Tina por meses depois do funeral, culpando-a pela morte do filho. Ela havia dado permissão para que Danny participasse da excursão, e isso, do ponto de vista de Michael, era como se ela mesma, pessoalmente, tivesse jogado o ônibus no precipício. Mas Danny queria aquela viagem às montanhas mais que tudo no mundo. Além do mais, o Sr. Jaborski, chefe do grupo de escoteiros, havia levado outros grupos em excursões de sobrevivência no inverno durante dezesseis anos e nunca ninguém havia sofrido sequer ferimentos leves. Eles não faziam a trilha toda até a região mais selvagem, percorriam apenas uma distância razoável, por um caminho bastante conhecido, e iam preparados para quaisquer contingências. Supostamente, seria uma boa para um menino da idade de Danny. Segura. Organizada por profissionais. Todos garantiram que não havia a menor chance de acontecer qualquer problema. Tina não tinha como saber que a décima sétima excursão de Jaborski acabaria em um desastre, mas Michael a culpou por isso. Ela achava que o ex-marido tivesse recuperado o bom senso nos últimos meses, mas, pelo visto, parecia que não.

Tina olhou para a lousa, pensou nas três palavras que estavam escritas nela e foi tomada por uma onda de raiva. Michael se comportava como uma criança rancorosa. Não percebia que sua dor era tão difícil de suportar quanto a dele? O que ele estava querendo com aquilo?

Furiosa, foi para a cozinha, pegou o telefone e ligou para Michael. Depois do quinto toque, concluiu que ele deveria estar no trabalho e desligou.

As três palavras pulsavam em sua cabeça, branco sobre preto:

NÃO ESTÁ MORTO

Mais tarde, quando voltasse para casa depois da *première* e da festa que aconteceria em seguida, ligaria para Michael. Sabia que seria tarde da noite, mas não se importava com a possibilidade de acordá-lo.

Tina ficou parada no meio da pequena cozinha, indecisa, tentando encontrar força de vontade para ir ao quarto de Danny e encaixotar as roupas dele, como planejava. Mas perdeu a coragem. Não conseguiria voltar lá. Não hoje. Talvez não nos próximos dias.

Droga, Michael.

Lembrou-se de que tinha meia garrafa de vinho branco na geladeira e então serviu uma taça e levou para o banheiro.

Estava bebendo mais do que o normal. Uísque na noite anterior e agora uma taça de vinho no meio da tarde. Até muito pouco tempo antes, raramente usava álcool para acalmar o nervosismo, mas agora notava que estava se tornando seu primeiro recurso. Assim que passasse a estreia de *Magyck!*, começaria a diminuir o consumo de álcool. Mas, agora, precisava desesperadamente daquela taça.

Tina tomou uma ducha demorada, deixando a água quente bater no pescoço por vários minutos, até a tensão dos músculos dissolver e fluir.

Depois do banho, o vinho gelado relaxou ainda mais seu corpo, embora fizesse pouco para acalmar a mente e controlar a ansiedade. Continuava pensando na lousa.

NÃO ESTÁ MORTO

FALTANDO DEZ MINUTOS para as sete da noite, Tina estava novamente nos bastidores da sala de espetáculos do Pyramid. O espaço estava relativamente tranquilo, com exceção de um zum-zum-zum abafado vindo da plateia, que esperava do outro lado das cortinas de veludo.

Mil e oitocentas pessoas haviam sido convidadas – entre aquelas que faziam tudo acontecer em Las Vegas e alguns ricos de fora da cidade –, e mais de mil e quinhentas devolveram os cartões de RSVP.

Um batalhão de garçons de paletó branco, garçonetes em impecáveis uniformes azuis e ajudantes de garçom apressados já começavam a servir os presentes. As opções eram filé mignon ao molho *béarnaise* ou lagosta ao molho de manteiga, porque Las Vegas era o único lugar dos Estados Unidos onde as pessoas deixavam de lado, temporariamente, qualquer preocupação com colesterol. Na última década do século XX, tempo da obsessão com a saúde, consumir alimentos gordurosos era considerado, em grande escala, um pecado mais delicioso – e também mais grave – que inveja, preguiça, roubo e adultério.

Às sete e meia, os bastidores da casa de espetáculos estavam fervilhando. Técnicos verificavam cenários motorizados, ligações elétricas e as bombas hidráulicas que elevavam e baixavam partes do cenário. Ajudantes contavam e ajustavam adereços cenográficos. As mulheres do departamento de figurino remendavam rasgos e costuravam as bainhas soltas descobertas no último minuto. Cabeleireiros e técnicos de

iluminação também corriam para cumprir suas tarefas urgentes. Dançarinos, já vestidos com o *smoking* preto do número de abertura, esperavam tensos, formando uma coleção de homens bonitos bastante agradável de se olhar.

Dezenas de belas dançarinas e coristas também perambulavam por ali. Algumas usavam cetim e renda, outras, veludo e *strass* – ou lantejoulas ou peles –, e algumas delas exibiam os seios. Muitas ainda estavam nos camarins comunitários, enquanto outras, já com os figurinos, esperavam impecáveis nos corredores ou no limite do grande palco, conversando sobre a vida e assuntos corriqueiros. Um dia normal na vida de mulheres lindas e exuberantes, como em qualquer outro trabalho.

Tina queria ficar na coxia durante toda a apresentação, mas não havia mais nada que pudesse fazer atrás das cortinas. O espetáculo *Magyck!* agora estava nas mãos dos artistas e técnicos.

Vinte e cinco minutos antes da hora de início do show, Tina saiu do palco e foi para a plateia barulhenta. Dirigiu-se à mesa que ficava bem no meio da fileira VIP, onde Charles Mainway, gerente-geral e principal acionista do Golden Pyramid Hotel, esperava por ela.

Antes, ela parou na mesa ao lado da de Mainway. Joel Bandiri estava com Eva, com quem era casado havia oito anos, e dois amigos do casal. Eva tinha vinte e nove anos, dezessete menos que Joel, e um metro e setenta e dois, dez centímetros mais que ele. Era ex-corista e dona de uma beleza delicada. Ela afagou a mão de Tina com suavidade.

— Não se preocupe. Você é boa demais para não dar certo — disse Eva.

— Vai ser um sucesso, garota — Joel disse a Tina mais uma vez.

Na mesa seguinte, Mainway cumprimentou Tina com um

sorriso caloroso. Ele se portava e agia como se fosse um aristocrata, e os cabelos grisalhos e fartos e os olhos azuis contribuíaam com a imagem que ele queria projetar. No entanto, sua origem era de uma região pobre e carente.

Quando Tina sentou ao lado de Mainway, um garçom vestido com um *smoking* apareceu e encheu a taça dela com Dom Pérignon.

Helen Mainway, esposa de Charlie, estava sentada à esquerda dele. Helen era, naturalmente, tudo que o pobre Charlie se esforçava para ser: dona de maneiras impecáveis, sofisticada, elegante, confortável e confiante em qualquer situação. Ela era alta, esguia, e aos cinquenta e cinco anos conseguia passar por uma mulher de quarenta bem-conservada – era uma mulher deslumbrante.

— Tina, minha querida, quero que conheça um amigo nosso — disse Helen, apontando a quarta pessoa na mesa. — Este é Elliot Stryker. Elliot, essa mulher adorável é Christina Evans, a mão por trás do *Magyck!*.

— Uma das *duas* mãos — Tina a corrigiu. — Joel Bandiri é mais responsável que eu pelo espetáculo... principalmente se for um fracasso.

Stryker riu.

— É um prazer conhecer você, senhora Evans.

— Pode me chamar de Tina — ela o corrigiu, arrancando-lhe um sorriso. Ele era um homem bonito, sem ser muito refinado, nem alto, nem baixo, de mais ou menos quarenta anos. Seus olhos escuros eram profundos, rápidos, marcados por inteligência e humor.

— Elliot é meu advogado — disse Charlie Mainway.

— Ah — respondeu Tina. — Pensei que Harry Simpson...

— Harry é advogado do hotel. Elliot cuida dos meus assuntos privados.

— E cuida muito bem — comentou Helen. — Tina, se

precisar de um advogado, Elliot é o melhor de Las Vegas.

Para Tina, o advogado falou:

— E se você precisar de elogios, apesar de ter certeza de que já recebe muitos, ninguém em Vegas sabe elogiar com mais charme e estilo do que Helen.

— Entendeu o que acabei de dizer? — Helen perguntou a Tina, aplaudindo encantada. — Com uma frase, ele conseguiu te elogiar, me elogiar e impressionar a nós todos com sua modéstia. Está vendo que advogado maravilhoso ele é?

— Imagine esse homem defendendo um caso no tribunal — sugeriu Charlie.

— Uma personalidade fascinante, não há dúvida — concordou Helen.

Elliot piscou para Tina.

— Por mais que eu possa ser fascinante, não chego nem perto desses dois.

Eles continuaram conversando por mais quinze minutos, sem falar nada que tivesse a ver com o espetáculo. Tina sabia que eles estavam tentando desviar sua atenção, e apreciava o esforço.

Mas era óbvio que nem a conversa mais agradável do mundo ou mesmo incontáveis taças de Dom Pérignon gelada poderiam fazê-la ignorar a euforia que crescia na plateia com a aproximação do momento em que as cortinas seriam abertas. Minuto a minuto, a névoa de fumaça de cigarro no ar ia ficando mais densa. Garçonetes e garçons se moviam de um lado para o outro apressados, atendendo aos pedidos antes do início do espetáculo. O barulho das conversas crescia com o passar dos segundos, assumindo uma característica mais frenética, alegre e cada vez mais entrecortada por risadas.

De algum jeito, apesar de dividir a atenção entre a disposição da plateia, Helen e Charlie Mainway, Tina também tomou consciência dos olhares de Elliot Stryker para ela. Ele

não demonstrava mais que um interesse comum, mas a atração era evidente em seus olhos. Por trás da pose cordial, astuta e ligeiramente fria, sua intenção secreta era a de um macho rico, e a percepção de Tina era mais instintiva que intelectual, como a reação de uma égua aos primeiros sinais de desejo de um garanhão.

Pelo menos um ano e meio, talvez dois anos passaram desde que um homem olhara para ela daquele jeito pela última vez. Ou será que essa era a primeira vez em todo esse tempo que ela *percebera* ser objeto de tanto interesse? Brigar com Michael, lidar com o choque da separação e do divórcio, chorar a morte de Danny e produzir o espetáculo com Joel Bandiri preencheram seus dias e noites, deixando-a completamente sem chance de pensar em um novo romance.

De repente, flagrou-se respondendo à necessidade silenciosa nos olhos de Elliot com uma necessidade própria, e se sentia quente por dentro.

Ela pensou: *Meu Deus, eu estava me esquecendo disso!*

Depois de passar mais de um ano chorando o fim do casamento e a morte do filho, agora que o *Magyck!* estava quase ficando para trás, finalmente teria tempo para ser mulher de novo. *Encontraria* tempo.

Tempo para Elliot Stryker? Não tinha certeza. Não havia motivo para ter pressa na compensação dos prazeres perdidos. Não era preciso pular em cima do primeiro homem que a desejasse. Certamente, essa não era a atitude mais sensata a tomar. Por outro lado, ele era bonito, e havia em seu rosto uma gentileza atraente. Tinha que admitir que ele despertava nela os mesmos sentimentos que, aparentemente, ela também provocava nele.

A noite seria ainda mais interessante do que esperava.

VIVIENNE NEDDLER estacionou o Nash Rambler 1955 na frente da casa dos Evans, tomando cuidado para não arranhar as calotas. O carro era imaculado, estava em melhores condições que muitos carros novos por aí. Em tempos de obsolescência cada vez mais curta, Vivienne sentia prazer em usar pelo máximo de tempo possível tudo que comprava, fosse uma torradeira ou um automóvel. Adorava fazer as coisas durarem.

Ela mesma já durava bastante, mas estava em ótimo estado de conservação. Tinha setenta anos, ainda gozava de excelente saúde e era uma mulher baixa e robusta, com o rosto doce de uma Madonna de Botticelli e o andar firme de um sargento do Exército.

Ela desceu do carro e, carregando a bolsa do tamanho de uma maleta, marchou em direção à entrada da casa, passando direto pela porta da frente e pela garagem.

A luz amarelada e opaca das lâmpadas da rua não iluminava todo o jardim. Além da calçada na frente e ao longo da lateral da casa, era iluminação de baixa voltagem, própria para paisagismo, que revelava o caminho.

Arbustos de oleandro farfalhavam ao vento. Mais em cima, as folhas das palmeiras raspavam de leve umas nas outras.

Quando Vivienne chegou à parte de trás da casa, a lua crescente surgiu de trás de algumas nuvens finas, como uma adaga sacada de uma bainha, e as sombras pálidas das palmeiras e melaleucas tremularam no pátio de concreto prateado pelo luar.

Vivienne entrou pela porta da cozinha. Limpava a casa de Tina Evans havia dois anos, e tinha uma cópia de chave fazia quase o mesmo tempo.

A casa estava em silêncio, exceto pelo ruído baixo do motor da geladeira.

Vivienne começou a faxina pela cozinha. Limpou as bancadas e os utensílios, tirou a gordura das persianas e passou pano no chão de ladrilho mexicano. Ela fazia um trabalho muito caprichado. Acreditava no valor moral do trabalho duro, e sempre entregava aos empregadores um resultado digno do dinheiro que eles pagavam.

Normalmente, trabalhava durante o dia, não à noite. Mas no início da tarde daquele 30 de dezembro, estava jogando nas máquinas caça-níqueis do Mirage Hotel e ganhando dinheiro, então não quis sair de lá quando as máquinas continuassem lhe pagando tão bem. Algumas pessoas para as quais trabalhava insistiam em horários regulares e pré-definidos, e reclamavam muito quando ele se atrasava, mesmo que só alguns minutos. Mas Tina Evans era compreensiva; sabia como os caça-níqueis eram importantes para Vivienne, e não se aborrecia quando ela, de vez em quando, pedia para remarcar o horário da faxina.

Vivienne era uma duquesa da moeda. Esse era o nome que os funcionários de um cassino usavam para se referir às mulheres idosas, residentes na área, cuja vida social girava em torno de um interesse obsessivo pelas “bandidas de um braço só”, embora as máquinas de moedas fossem história antiga. As duquesas da moeda sempre jogavam nos caça-níqueis baratos, que antes operavam com moedas de cinco ou dez centavos e agora funcionavam com as de vinte e cinco. Elas nunca usavam as máquinas de um ou cinco dólares. Puxavam a alavanca por horas seguidas e frequentemente faziam uma nota de vinte dólares durar uma tarde inteira. A filosofia de jogo dessas senhoras era simples: “Não importa se você ganha ou perde,

desde que continue no jogo”. Com essa atitude, e mais alguma habilidade para administrar o dinheiro, elas conseguiam aguentar mais que muitos jogadores que corriam para as máquinas de valores mais altos depois de não ganhar nada com as de moedas, e, por causa de sua paciência e perseverança, essas senhoras ganhavam os prêmios máximos com muito mais frequência que a enxurrada de turistas que ia e vinha em volta delas. Mesmo agora, quando era possível jogar na maioria das máquinas com cartões de valores ativados eletronicamente, as duquesas da moeda continuavam a vestir luvas pretas para impedir que as mãos ficassem imundas depois de horas manipulando moedas e puxando alavancas. Elas sempre jogavam sentadas em banquetas e lembravam de alternar as mãos quando operavam as máquinas, para não sobrecarregar os músculos de um só braço, além de sempre terem na bolsa embalagens de creme anti-inflamatório só por precaução.

As duquesas, que em sua maioria eram viúvas ou solteironas, muitas vezes almoçavam e jantavam juntas. Comemoravam juntas nas poucas vezes em que uma delas ganhava o grande prêmio; e quando uma delas morria, todas as outras iam ao funeral. Juntas, formavam uma comunidade estranha, mas sólida, com um satisfatório senso de pertencimento. Em um país que idolatrava a juventude, muitos americanos idosos desejavam ardentemente descobrir um lugar onde se sentissem pertinentes, mas, diferentemente das duquesas, a maioria nunca encontrava.

Vivienne tinha uma filha, um genro e três netos em Sacramento. Durante cinco anos, desde o aniversário de sessenta e cinco, a família a pressionava para ir morar com eles. Ela os amava tanto quanto amava a si mesma, e sabia que realmente a queriam por perto; o convite não era motivado por sentimento de culpa e obrigação. Mesmo assim, ela não tinha vontade de morar em Sacramento. Depois de várias visitas à

cidade, já havia concluído que aquele devia ser um dos lugares mais chatos do mundo para se viver. Vivienne gostava do movimento, do barulho, das luzes e da empolgação de Las Vegas. Além disso, se fosse morar em Sacramento, não seria mais uma duquesa da moeda. Ali não seria ninguém especial, apenas mais uma idosa morando com a família da filha, uma avó marcando o tempo e esperando a morte.

Uma vida assim seria intolerável.

Vivienne valorizava sua independência mais que tudo. Torcia para permanecer saudável e poder continuar trabalhando e morando sozinha, até sua hora chegar e todas as lacunas do caça-níqueis mostrarem limões.

Quando estava terminando de passar pano no chão da cozinha, pensando em como a vida seria horrível sem suas amigas e os caça-níqueis, ela ouviu um barulho em outro cômodo da casa. Na sala, talvez.

Parada, ficou ouvindo.

De repente, o motor da geladeira parou de fazer barulho. Sobrou apenas um relógio marcando o tempo com um tique-taque suave.

Depois de um longo silêncio, um rápido estalo ecoou novamente pela casa, dessa vez em outro cômodo, assustando Vivienne. Em seguida, silêncio de novo.

Ela se aproximou da gaveta ao lado da pia e escolheu uma faca longa e afiada.

Nem pensou em chamar a polícia. Se telefonasse, eles poderiam vir e não achar um invasor. Pensariam que ela era só uma velha maluca. Vivienne Neddler se recusava a dar motivo para alguém pensar isso dela.

Além disso, nos últimos vinte e um anos, desde a morte de Harry, sempre cuidara de si mesma. E fazia um bom trabalho nesse sentido.

Ela saiu da cozinha e encontrou o interruptor de luz à direita

— Pare — Vivienne murmurou a si mesma. — Saia daqui. Saia o mais depressa possível.

Mas ela ignorou o próprio conselho. Puxou a blusa para fora da cintura da calça e usou o tecido como barreira entre a mão e o metal gelado da maçaneta. A maçaneta girou, mas a porta não abriu. O frio intenso contraiu e empenou a madeira. Ela usou o ombro para empurrá-la com suavidade, depois com um pouco mais de força. Finalmente, a porta abriu.

A PORTA EMPENADA rangeu e estalou quando Vivienne Neddler forçou-a para abrir.

Péeeee... péeeee...

Uma onda de ar gelado saiu do quarto escuro para o corredor.

Vivienne tateou a parede procurando o interruptor, acendeu a luz e entrou desconfiada. O quarto estava vazio.

Péeeee... péeeee...

Astros do beisebol e monstros do cinema de horror olhavam para ela colados às paredes. Três modelos complexos de aviões pendiam do teto. As coisas estavam onde sempre estiveram desde que ela começara a trabalhar na casa, antes de Danny morrer.

Péeeee... péeeee... péeeee...

O guincho eletrônico enlouquecedor era produzido por duas caixas de som penduradas na parede atrás da cama. Um CD *player*, um rádio e um amplificador formavam uma pilha sobre uma das mesas de cabeceira.

Vivienne agora conseguia ver de onde o barulho saía, mas não localizava nenhuma origem para o ar gelado. As janelas estavam fechadas, e, mesmo que houvesse alguma fresta, a noite não estava fria o bastante para justificar o ar gélido do quarto.

Quando ela estendeu a mão para o rádio, o guincho parou. O silêncio súbito tinha um peso opressor.

Aos poucos, quando os ouvidos pararam de apitar, Vivienne percebeu o chiado vazio dos alto-falantes, depois as batidas

Vivienne recordou-se de que não acreditava em fantasmas.

Mesmo assim, talvez fosse uma boa ideia Tina Evans se livrar de uma vez dos pertences do garoto.

Vivienne não conseguia encontrar sentido para o que tinha acontecido ali, mas de uma coisa tinha certeza: não contaria a ninguém o que vira naquela noite. Por mais que sua descrição desses eventos bizarros fosse convincente e franca, ninguém acreditaria nela. As pessoas concordariam balançando a cabeça, sorririam com frieza e diriam que sim, devia ter sido uma experiência estranha e assustadora, mas durante todo o tempo elas pensariam que a pobre Vivienne finalmente estava ficando senil. Mais cedo ou mais tarde, suas histórias sobre fantasmas acabariam chegando aos ouvidos da filha em Sacramento, e a pressão para ela se mudar para lá seria insuportável. Vivienne não poria em risco sua preciosa independência.

Ela saiu do quarto, voltou à cozinha e bebeu duas doses do melhor uísque de Tina Evans. Depois, com seu característico estoicismo, voltou ao quarto do menino para limpar a água do gelo derretido. Feito isso, retomou a limpeza da casa.

Recusava-se a se deixar afugentar por um *poltergeist*.

Entretanto, não descartava a ideia de ir à igreja no domingo, depois de tanto tempo. Rezar um pouco podia ser bom para ela. Não toda semana, é claro. Só uma ou duas missas por mês. E uma confissão de vez em quando. Não chegava perto de um confessionário havia anos. Era melhor prevenir que remediar.

Marquês de Sade.

Elliot sorriu e terminou de comer sua sobremesa, e mudou o rumo do diálogo:

— Acho que vai ter que passar muito tempo aqui nas próximas noites.

— Não. Minha presença não é mais tão necessária.

— Pensei que o diretor...

— A maior parte do trabalho do diretor está feita. Só preciso dar uma olhada no espetáculo a cada duas semanas para garantir que o tom não se afaste da minha intenção original.

— Mas você também é a coprodutora.

— Mas agora que o show estreou com sucesso, a maior parte das minhas funções como produtora é cuidar das coisas de relações públicas e divulgação. E um pouco de logística, para manter a produção funcionando sem tropeços. Mas quase tudo pode ser feito do escritório. Não preciso necessariamente ficar perto do palco. Na verdade, Joel diz que não é saudável um produtor ficar nos bastidores todas as noites... ou mesmo na maioria delas. Ele diz que eu só deixaria os artistas nervosos e os técnicos inseguros, atentos ao chefe, quando na verdade deveriam prestar atenção ao trabalho.

— Mas você vai conseguir resistir?

— Não vai ser fácil ficar longe. Mas o que Joel diz faz muito sentido, então, vou tentar fingir que estou tranquila com essa postura.

— Ainda acho que você vem todas as noites, pelo menos na primeira semana.

— Não. Se Joel estiver certo, e tenho certeza de que está, é melhor desenvolver desde o início o hábito de ficar longe.

— Amanhã à noite?

— Ah, provavelmente vou entrar e sair algumas vezes.

— Ah, imagino que tenha alguma festa de Ano-Novo para ir.

A porta do *closet* abriu, fechou, abriu...

Dentro dele, camisetas e jeans começaram a girar loucamente em torno do mancebo onde estavam pendurados, e algumas roupas caíram no chão.

A cama tremia.

A prateleira onde ficavam os nove aviões de brinquedo balançou, batendo várias vezes na parede. Um dos modelos foi jogado ao chão, depois mais dois, depois mais três, e outro, até os nove estarem empilhados no carpete.

Na parede ao lado da cama, um pôster da criatura do filme *Aliens* se rasgou ao meio.

O rádio parou de mudar de estação e ficou sintonizado em uma frequência que chiava e estalava com a estática distante. Depois, uma voz brotou dos alto-falantes. Era a voz de uma criança. De um menino. Não havia palavras. Só um grito longo, aflito.

A voz desapareceu depois de um minuto, mas a cama começou a bater para cima e para baixo.

A porta do *closet* abriu e fechou com muito mais força que antes.

Outras coisas também começaram a se mover. Durante quase cinco minutos, o quarto parecia ter ganhado vida.

E então morreu.

O silêncio voltou.

O ar esquentou de novo.

A camada de gelo sumiu da janela, e o gato branco lá fora ainda perseguia o pedaço de papel.

A escuridão parecia estranhamente ameaçadora.

Não sabia se conseguiria voltar a dormir, mas precisava tentar. Não eram nem cinco da manhã. Tinha dormido menos de três horas.

Pela manhã, limparia o quarto de Danny, e então aqueles pesadelos cessariam. Estava convencida disso.

Lembrou das três palavras que tinha apagado duas vezes da lousa de Danny – *NÃO ESTÁ MORTO* – e se deu conta de que tinha se esquecido de ligar para Michael. Precisava falar com ele sobre suas suspeitas. Precisava saber se ele estivera na casa, no quarto de Danny, sem seu conhecimento ou sua permissão.

Tinha que ser Michael.

Poderia acender a luz e ligar para ele agora. Ele estaria dormindo, mas não se sentiria culpada por acordá-lo, não depois de todas as noites de insônia que enfrentava por causa dele. Entretanto, não se sentia pronta para a batalha que certamente se desencadearia. Vinho e exaustão prejudicavam sua sensatez. E se Michael *realmente* havia entrado na casa para fazer uma brincadeira cruel como um moleque, o ódio que sentia dela era maior do que imaginava. Ele poderia estar doente. Se reagisse com violência ou abuso verbal, se fosse irracional, ela precisaria de todo equilíbrio para lidar com a situação. Ligaria de manhã, depois de recuperar parte da força.

Tina bocejou, virou-se na cama e pegou no sono. Não sonhou mais, e quando acordou, às dez da manhã, sentia-se renovada e animada com o sucesso da noite anterior.

Telefonou para Michael, mas ninguém atendeu. A menos que tivesse mudado de horário nos últimos seis meses, ele não saía para o trabalho antes do meio-dia. Ela decidiu tentar de novo, em meia hora.

Depois de pegar o jornal na porta da frente, ela leu a resenha escrita pelo crítico de entretenimento do *Review-Journal* sobre

TINA CHEGOU ao Bally's Hotel dez minutos antes das duas horas da tarde de quarta-feira e deixou seu Honda com o manobrista.

O Bally's, antes MGM Brand, devia ser um dos estabelecimentos mais antigos da Strip de Vegas – que vivia em constante rejuvenescimento –, mas ainda era um dos hotéis mais populares da cidade, e nesse último dia do ano, estava lotado.

Havia umas duas ou três mil pessoas no cassino, que era maior que um campo de futebol. Centenas de jogadores – mulheres bem jovens, avós de expressão doce, homens de jeans e camisas com bordados decorativos do Oeste, aposentados em roupas caras porém casuais, alguns homens de terno, vendedores, médicos, mecânicos, secretárias, enfim, americanos de todos os estados do Oeste, além de turistas da Costa Leste, do Japão e alguns homens de origem árabe – estavam sentados em torno das mesas de jogos semielípticas. Empurravam dinheiro e fichas para a frente, alguns recolhiam os ganhos, outros pegavam as cartas que eram distribuídas, cada um reagindo de uma entre várias maneiras previsíveis. Alguns gritavam de alegria, outros resmungavam, outros sorriam com tristeza balançando a cabeça; alguns brincavam com os banqueiros, pedindo cartas melhores; e outros ainda ficavam em silêncio, atentos e com ar profissional, como se estivessem considerando um planejamento razoável de formas de investimento. Centenas de outras pessoas permaneciam atrás dos jogadores, assistindo a tudo com impaciência, esperando

uma combinação de apagão de vinte e um e bexiga de bingo. Ele passou oito horas sentado aqui sem levantar.

No chão, o homem de bege gemeu e suas pálpebras tremeram.

Balançando a cabeça como se a cena fosse divertida, Michael contornou a clareira e voltou a andar no meio da multidão.

Quando eles finalmente chegaram ao fundo do cassino, onde ficavam as escadas rolantes que desciam para a galeria comercial, Tina perguntou:

— O que é apagão de vinte e um?

— É burrice — Michael respondeu, aparentemente ainda se divertindo com o fato. — O cara senta para jogar e se envolve tanto que perde a noção do tempo, o que, é claro, é exatamente o que o cassino quer que ele faça. Por isso não tem muitas janelas ou relógios em um cassino. Mas, de vez em quando, alguém *realmente* perde a noção, não levanta por muitas horas, continua jogando como um zumbi e acaba bebendo demais. Então, quando a pessoa se levanta, o movimento normalmente é rápido demais, o sangue circula de uma vez da cabeça para o corpo e, *pá!*, desmaia. Isso é o que chamamos de apagão de vinte e um.

— Ah, entendi.

— Acontece o tempo todo.

— E bexiga de bingo?

— O jogador fica tão interessado no jogo que fica praticamente hipnotizado. Ele continua bebendo, mas está em uma espécie de transe que o faz ignorar completamente o chamado da bexiga, até que o órgão sofre um espasmo. Se for grave, os canais entopem. Ele não consegue urinar e tem que ser levado ao hospital para introdução de sonda.

— Meu Deus, sério?

— Sim.

Eles desceram da escada rolante e seguiram para a galeria

Ele dava sinais de que realmente não sabia de nada sobre o que havia acontecido na casa. Talvez não tivesse nada a ver com isso.

Mas se Michael não tinha destruído o quarto de Danny, se Michael não tinha escrito aquelas palavras na lousa, quem poderia ter sido?

— Por que alguém entraria na casa e iria embora sem levar nada? — Michael perguntou.

— Acho que alguém está tentando me perturbar, me deixar com medo.

— E por que alguém ia querer te deixar com medo? — ele parecia sinceramente preocupado.

Tina não sabia o que dizer.

— Você nunca foi o tipo de pessoa que faz inimigos — Michael continuou. — É uma mulher muito difícil de odiar.

— Bom, você conseguiu — ela respondeu, e foi o mais próximo que chegou de acusá-lo de alguma coisa.

Ele reagiu surpreso.

— Ah, não. Não venha com essa, Tina. Eu nunca te odiei. Fiquei decepcionado com as mudanças. Fiquei com raiva. Com raiva e magoado, reconheço. Fiquei muito amargurado, de fato. Mas nunca senti ódio de você.

Ela suspirou.

Michael não destruíra o quarto de Danny. Agora tinha certeza absoluta disso.

— Tina?

— Desculpa. Não deveria ter incomodado você com isso. Não sei nem por que vim falar com você — mentiu. — Deveria ter chamado a polícia imediatamente.

Ele lambeu o sorvete, olhou para ela e sorriu.

— Eu entendo. Para você é difícil superar. Não sabe como começar e então veio me procurar com essa história.

— História?

feliz por você e por mim. Agora que já provou o que queria provar, você finalmente pode relaxar.

— Michael, eu vou continuar trabalhando como produtora. Não tenho a menor intenção de...

— Ah, nem eu espero que desista — ele interrompeu magnânimo.

— Ah, não, é?

— Não, não. É claro que não. É bom para você ter alguma coisa com que se ocupar. Agora eu entendo. Entendi o recado. Mas com *Magyck!* em cartaz e todo esse sucesso, não vai ter tanto o que fazer. Não vai ser como antes.

— Michael... — ela começou, disposta a dizer a ele que montaria outro espetáculo ao longo do próximo ano, que não queria ser representada apenas por uma produção por vez, e que tinha pretensões distantes até Nova York e Broadway, onde os musicais ao estilo Busby Berkeley seriam recebidos com aplausos.

Mas ele estava tão envolvido na própria fantasia que nem percebia que ela não queria participar dela. Interrompeu Tina antes que ela pudesse dizer mais qualquer palavra.

— Nós vamos conseguir, Tina. Foi bom para nós um dia, naqueles primeiros anos. Pode ser bom de novo. Ainda somos jovens. Temos tempo para começar outra família. Podemos ter dois meninos e duas meninas. Sempre quis isso.

Quando ele parou para lamber o sorvete, ela disse:

— Michael, isso não vai acontecer.

— Bom, talvez você tenha razão. Uma família grande pode não ser uma ideia sensata hoje em dia, com esse mundo confuso e a economia tão instável. Mas podemos ter dois filhos e cuidar deles sem problemas, e se tivermos sorte será um casal. É claro que podemos nos programar, esperar um ano, mais ou menos. Mesmo depois da estreia, imagino que o *Magyck!* vá te dar ainda algum trabalho. Vamos esperar até que

aproveitado todo esse tempo com seu filho. E ele sentia sua falta. Podia ter vivido esse tempo precioso com ele, mas você não quis. E no fim das contas, Danny nem tinha muito tempo de vida para viver.

Michael estava pálido, tremendo. Seus olhos escureceram com a raiva.

— Você é a mesma megera que sempre foi.

Ela suspirou e desistiu. Estava exausta. Depois de dizer tudo que tinha para dizer, sentia-se agradavelmente vazia, como se uma energia maléfica e nervosa tivesse escoado dela.

— A mesma megera broxante — Michael insistiu.

— Não quero brigar com você, Michael. Até peço desculpas se alguma dessas coisas que falei sobre Danny o magoou, embora você merecesse ouvir tudo isso. Não quero causar mais mágoas entre nós. É estranho, mas eu não te odeio mais. Não sinto nada por você. Nada mesmo.

Tina se virou e o deixou ali no sol, com sorvete derretido escorrendo da casquinha para a mão.

Voltou para dentro do hotel, subiu a escada rolante para o cassino e atravessou a multidão barulhenta a caminho da porta principal. Um dos manobristas do serviço de *valet* trouxe seu carro, e ela desceu a alameda íngreme da porta até a rua.

Ia para o Golden Pyramid, onde tinha um escritório e muito trabalho a fazer.

Mas depois de percorrer um quarteirão, teve que parar e encostar o carro. Não conseguia ver o que estava fazendo, por conta das lágrimas quentes que escorriam por seu rosto. Ela desligou o carro e, surpresa, soluçou alto.

No começo, não sabia nem por que estava chorando. Só se rendeu à tristeza devastadora que a invadia, sem questionar nada.

Depois de um tempo, concluiu que chorava por Danny. Pobre e doce Danny. Mal havia começado a viver. Não era

representar bilhões de dólares, a Strip parecia suja e poluída.

Tina não apreciava a vista do lendário *boulevard* e nem sempre fazia uso dela. Raramente ficava no escritório à noite, por isso, as cortinas quase nunca eram abertas. Naquela tarde, como sempre, elas estavam fechadas. O escritório estava um pouco escuro, e ela trabalhava sentada à mesa sob uma luminária com luz suave.

Quando estava analisando a conta do trabalho de marcenaria em alguns cenários de *Magyck!*, Ângela, sua secretária, entrou na sala.

— Com licença, Tina. Você precisa de mais alguma coisa antes de eu sair?

Tina olhou para o relógio, confusa.

— Mas são só quinze para as quatro.

— Sim, e hoje todo mundo sai às quatro, é véspera de Ano-Novo.

— Ah, é claro. Esqueci completamente.

— Mas eu posso ficar um pouco mais, se quiser.

— Não, não, não. Pode sair às quatro, como todo mundo.

— Precisa de mais alguma coisa?

Tina se reclinou na cadeira e disse:

— Sim. Na verdade, preciso de uma coisa. Vários convidados, turistas e celebridades não conseguiram comparecer à estreia de *Magyck!*, então quero uma lista dos nomes que não confirmaram presença e outra lista com as datas de aniversário de casamento dos que forem casados.

— Pode deixar. Em que está pensando?

— Durante o ano, vou mandar convites especiais para alguns desses casais, para virem passar três dias aqui, com as despesas pagas. Vamos vender algo assim: “Passe a noite mágica do seu aniversário de casamento no mundo mágico de *Magyck!*”. Tem que ser bem romântico. Podemos servir champanhe para eles durante o espetáculo. Vai ser uma

ME AJUDA

Seu coração parece que começou a bombear gelo em vez de sangue.

De repente, tomou consciência de que estava completamente sozinha. Provavelmente, era a única pessoa em todo o terceiro andar.

Pensou no homem de seu pesadelo, o homem de preto cujo rosto era devorado por vermes, e as sombras nos cantos do escritório ficaram mais escuras e mais profundas do que estavam pouquíssimo tempo antes.

Ela passou os olhos em mais quarenta nomes e se encolheu ao ver o que mais o computador imprimira.

ESTOU COM MEDO
ESTOU COM MEDO
ME TIRA
ME TIRA DAQUI
POR FAVOR... POR FAVOR
AJUDA AJUDA AJUDA AJUDA

Essa era a última inserção perturbadora. O restante da lista era como deveria ser.

Tina jogou as folhas no chão e saiu do escritório.

Ângela tinha apagado a luz da sala onde ficava, mas Tina a acendeu.

Sentou-se na cadeira de Ângela e ligou o computador. A tela se tingiu de uma luz azul suave.

Na gaveta central, que ficava trancada, havia um caderno com as senhas que permitiam acesso à informação confidencial armazenada no disco, mas só na memória central. Tina folheou o caderno até encontrar a senha de que precisava para abrir a

com ela. Imaginou-se saindo da sala, percorrendo o longo corredor, abrindo portas e verificando o interior de escritórios vazios, até finalmente encontrar um homem sentado em outro terminal. Ele olharia para ela, surpreso, e ela finalmente saberia quem era ele.

E depois?

Ele a atacaria? Mataria?

Era a primeira vez que era acometida por esse novo pensamento; a possibilidade de o objetivo final ser algo muito pior do que atormentá-la e enchê-la de medo.

Tina hesitou com os dedos no teclado, sem saber se deveria continuar. Provavelmente, não teria as respostas de que precisava, apenas anunciaria sua presença para quem quer que estivesse fazendo isso com ela. Mas se a pessoa estivesse por perto, ficaria sabendo que Tina estava em seu escritório, sozinha. Não tinha nada a perder tentando seguir a cadeia de dados. Mas quando tentou digitar qualquer coisa, o teclado travou; as teclas não cediam.

A impressora vibrou.

A sala ficou ainda mais gelada.

A tela rolou para cima:

ESTOU COM FRIO E COM DOR
MÃE? ESTÁ OUVINDO?
ESTOU COM MUITO FRIO
MUITA DOR
ME TIRE DAQUI
POR FAVOR POR FAVOR POR FAVOR
NÃO MORTO NÃO MORTO

A tela brilhou exibindo essas palavras, depois ficou vazia.

De novo, ela tentou digitar suas perguntas. Mas o teclado

Não estava mais sozinha.

— Por quê? Jaborski era o melhor. O melhor. Era tão bom que foi capaz de levar meninos para Sierra em segurança durante dezesseis anos, um desafio que muitos outros especialistas em sobrevivência no inverno nem tentariam enfrentar. Bill Jaborski era experiente, firme, perspicaz e cheio de respeito pelo perigo existente naquilo que fazia. Não era imprudente. Por que faria algo tão idiota, tão inconsequente quanto dirigir um miniônibus por uma distância tão grande naquela estrada e naquelas condições?

Elliot olhou para ela. Havia bondade nos olhos dele, uma solidariedade profunda.

— É bem provável que você nunca encontre essa resposta. E entendo como deve ser difícil nunca saber por quê.

— É difícil — ela confirmou. — Muito difícil — disse, voltando ao sofá.

Elliot pegou a taça das mãos dela. Estava vazia. Tina não se lembrava de ter bebido todo o conhaque. Ele voltou ao bar.

— Não quero mais — ela avisou. — Não quero ficar bêbada.

— Bobagem. No estado de nervos em que você está, botando para fora toda essa energia tensa, duas pequenas doses não vão nem fazer efeito.

Ele voltou do bar com mais Rémy Martin. Dessa vez, Tina conseguiu segurar a taça com uma das mãos.

— Obrigada, Elliot.

— Estou aqui para o que precisar, só não me peça um coquetel. Sou o pior *bartender* do mundo. Posso servir qualquer coisa com gelo, mas não sei misturar nem vodca e suco de laranja nas proporções certas.

— Não agradei pela bebida, agradei por... ser um bom ouvinte.

— Bom, faz sentido, a maioria dos advogados fala demais.

Por um momento eles ficaram em silêncio, bebendo conhaque.

Danny.

— Ainda não entendi.

— Posso ter feito isso dormindo.

— Isso é ridículo, Tina.

— É? Achei que tivesse começado a superar a morte do Danny em setembro. Comecei a dormir bem. Não pensava mais nisso quando estava sozinha, como fiz durante tanto tempo. Achei que o pior tinha ficado para trás. Mas há um mês comecei a sonhar com Danny de novo. Na primeira semana de dezembro, sonhei duas vezes. Na segunda semana, foram quatro noites. E nas últimas duas semanas, sonhei com ele todas as noites, não falhou nenhuma. Os sonhos foram ficando piores com o tempo. Agora são pesadelos horríveis.

Elliot voltou ao sofá e sentou ao lado dela.

— Como eles são?

— Eu sonho que ele está vivo, preso em algum lugar, normalmente em um buraco profundo, um precipício ou um poço, algum lugar subterrâneo. Ele me chama, implora para que eu o salve, mas eu não consigo. Nunca consigo chegar perto dele. E então montes de terra começam a cair em cima dele, e eu acordo gritando, coberta de suor. E eu... eu sempre tenho essa sensação forte de que Danny não morreu. Nunca dura muito, mas quando acordo, tenho certeza de que ele está vivo em algum lugar. Acho que convenci o meu consciente de que meu menino está morto, mas quando durmo, meu inconsciente assume o comando e simplesmente não se convence de que Danny partiu.

— E você acha que está... o quê, sonâmbula? Enquanto dorme, escreve a negação da morte de Danny na lousa dele?

— Não acha que é possível?

— Não. Bom... talvez. Acho que sim. Não sou psicólogo. Mas não compro muito essa ideia. É claro que ainda não te conheço muito bem, mas acho que te conheço o suficiente para

suspirou e assentiu.

— Danny morreu.

— Sim — ela concordou com um fio de voz.

— Está realmente convencida disso?

— Sim.

— Que bom.

Tina se levantou do sofá, foi até a janela e abriu as cortinas. Sentia uma necessidade repentina de olhar para a Las Vegas Strip. Depois de toda essa conversa sobre morte, precisava ver movimento, ação, vida; e embora a Strip às vezes fosse feia sob a luz do sol do deserto, o *boulevard* era sempre cheio de vida, fosse dia ou noite.

Nesse momento, o anoitecer prematuro do inverno descia sobre a cidade. Em ondas de cor ofuscante, milhões de lâmpadas cintilavam nos enormes luminosos. Centenas de carros andavam lentamente pela rua movimentada, táxis mudavam de faixa buscando cada pequena vantagem. Multidões percorriam as calçadas, indo de um cassino a outro, de uma casa noturna a outra, de um show a outro.

Tina olhou para Elliot de novo.

— Sabe o que eu quero fazer?

— O quê?

— Reabrir o túmulo.

— Exumar o corpo de Danny?

— Sim. Eu nunca o vi, acho que por isso é tão difícil aceitar que ele se foi. Por isso tenho pesadelos. Se tivesse visto o corpo, teria certeza. Não teria como criar fantasias sobre Danny ainda estar vivo.

— Mas as condições do cadáver...

— Eu não me importo.

Elliot franziu a testa, duvidando da sensatez da decisão de Tina.

— Os caixões são herméticos, mas, passado um ano, o corpo

esponja de louça que ficavam embaixo da pia.

— Em um caso menos perturbador, eu diria que temos de esperar até segunda-feira. Mas conheço um juiz muito razoável. Harold Kennebeck. Servimos juntos na inteligência do Exército, ele foi meu oficial sênior. Se eu...

— Inteligência do Exército? Você foi espião?

— Nada tão empolgante. Nunca usei sobretudo nem me escondi em becos escuros.

— Caratê, cápsulas de cianeto, essas coisas?

— Bom, tive muito treinamento em artes marciais. Ainda treino dois dias por semana, porque é uma boa maneira de me manter em forma. Mas, sério, não era como você vê nos filmes. Não tinha carro do James Bond com metralhadoras escondidas atrás dos faróis. Tudo que eu fazia era coletar informações chatas.

— Alguma coisa me diz que essa experiência foi... mais interessante do que você faz parecer.

— Não. Análise de documentos, interpretação tediosa de fotos de reconhecimento por satélite, esse tipo de coisa. Na maior parte do tempo, tudo muito chato. Enfim, conheço o juiz Kennebeck há muito tempo. Temos muito respeito um pelo outro, e tenho certeza de que ele vai fazer o que for possível por mim. Vou encontrá-lo amanhã à tarde em uma festa e prometo que converso com ele sobre a situação. Talvez ele aceite ir ao tribunal na sexta-feira só para analisar meu pedido de exumação e emitir um parecer. Ele só vai precisar de alguns minutos. E, se for assim, podemos abrir o túmulo no sábado.

Tina foi até o bar e sentou em uma das três banquetas, na frente de Elliot, com o balcão entre eles.

— Quanto antes, melhor. Agora que tomei a decisão, estou ansiosa para ir até o fim.

— Eu entendo. E tem outra vantagem em fazer tudo no fim de semana. Se formos rápidos, é improvável que Michael

ELLIOT STRYKER morava em uma casa moderna, grande e agradável, com vista para o campo de golfe do Las Vegas Country Club. Os cômodos eram acolhedores, decorados em tons terrosos, com mobília da J. Robert Scott combinadas com algumas peças de antiguidade e tapetes Edward Fields de texturas ricas. Ele era dono de uma bela coleção de telas de Eyvind Earle, Jason Williamson, Larry D. Dyke, Charlotte Armstrong, Carl J. Smith e outros artistas residentes do oeste dos Estados Unidos, que normalmente exploravam o tema do Velho ou Novo Oeste.

Enquanto mostrava a casa, ele se mantinha atento às reações dela, e Tina não as economizava.

— É linda — disse. — Incrível. Quem cuidou da decoração?

— Eu.

— Sério?

— Quando eu era um pobretão, sonhava com o dia em que teria uma casa linda, arrumada pelo melhor decorador da região. Mas, depois, quando me estabeleci financeiramente, acabei não querendo que um desconhecido decorasse a casa por mim. Quis ficar com toda a diversão. Nancy, minha falecida esposa, e eu decoramos nossa primeira casa. O projeto acabou se tornando uma vocação para ela, e eu passava quase tanto tempo dedicado a isso quanto no escritório, advogando. Nós dois visitávamos lojas de móveis de Vegas a Los Angeles e San Francisco, íamos a antiquários, galerias, tudo o que pode imaginar, de feirinhas de rua às lojas mais caras que conseguíamos encontrar. Durante cinco ou seis meses, fiquei

- Não. Isso é só meu estilo na cozinha.
- Derrubar as coisas é seu estilo?
- Sim, a cozinha fica com um agradável aspecto de caos, mostrando que está sendo usada.
- Tem certeza de que não quer ir ao McDonald's?
- Eles se preocupam em deixar a cozinha bagunçada como eu?
- Bem, eles não fazem só hambúrgueres...
- Ah, sim, os hambúrgueres têm um aspecto caótico.
- ... as fritas são incríveis.
- Qual o problema de eu derrubar as coisas? Um cozinheiro não precisa ser elegante e perfeito para ser bom.
- Mas imagino que tenha que ter boa memória.
- Como assim?
- Essa mostarda em pó que vai pôr no molho da salada.
- O que tem?
- Já colocou há um minuto.
- Sério? Obrigado. Não quero ter que misturar tudo isso pela terceira vez.

A risada dela era rouca, parecida com a de Nancy.

Embora fosse diferente de Nancy em muitos aspectos, estar com ela era como estar com Nancy. Era fácil conversar, e ela era inteligente, divertida e sensível.

Talvez fosse cedo demais para ter certeza, mas ele começava a pensar que o destino, em uma incomum demonstração de generosidade, tinha dado a ele uma segunda chance de ser feliz.



Quando ele e Tina terminaram de comer a sobremesa, Elliot

- Para mim, não.
- Para mim também não — ela concordou.
- Tem certeza?
- Absoluta.
- Você é incrível.
- Faz amor comigo.

Ele não era um homem especialmente grande, mas a pegou nos braços como se ela fosse uma criança. E Tina agarrou-se a ele. Viu desejo e necessidade nos olhos escuros de Elliot, uma vontade poderosa que era só parcialmente sexual, e ela sentia que a mesma necessidade de ser amada e valorizada devia estar estampada em seus olhos, também visível para ele.

Ele a levou para a cama e a colocou sobre o colchão. Sem pressa, mas com uma ansiedade ofegante que iluminava seu rosto, ele a despiu.

Depois tirou as próprias roupas rapidamente e juntou-se a ela na cama, tomando-a nos braços.

Ele explorava o corpo de Tina devagar e deliberadamente, primeiro com os olhos, depois com as mãos amorosas, depois com os lábios e a língua.

Tina percebeu que se enganara ao pensar que o celibato deveria ter feito parte de seu período de luto. Pelo contrário. Transar de um jeito bom e saudável com um homem que gostasse dela poderia tê-la ajudado a se recuperar muito mais depressa, porque o sexo era a antítese da morte, uma alegre celebração da vida, uma negação da existência do túmulo.

A luz âmbar traçava o contorno dos músculos dele.

Elliot aproximou o rosto do dela e eles se beijaram.

Ela deslizou a mão entre os corpos, segurando-o com força e depois afagando-o.

Sentia-se ousada, livre de timidez, insaciável.

Quando ele a penetrou, ela deixou as mãos passearem por seu corpo, pelas laterais firmes.

Para sua surpresa, o medo se transformou rapidamente em desejo. Eles entraram com facilidade no ritmo que antes os havia satisfeito. Depois, dormiram de novo.



Durante o café da manhã, ele a convidou para ir à festa onde pretendia falar com o juiz Kennebeck e pedir a exumação. Mas Tina queria voltar para casa e limpar o quarto de Danny. Agora se sentia à altura do desafio, e pretendia concluir a tarefa antes de perder a coragem de novo.

— A gente se vê à noite? — ele perguntou.

— Sim.

— Fico responsável pela comida de novo.

Ela sorriu com malícia.

— Em que sentido?

E levantou da cadeira, se debruçou sobre a mesa e o beijou.

O cheiro dela, o azul vibrante dos olhos, sentir a pele firme ao tocar seu rosto, tudo isso gerava ondas de afeto e desejo dentro dele.

Elliot a acompanhou até o Honda parado na entrada da garagem e se abaixou na janela depois de ela se acomodar ao volante, adiando sua partida por mais quinze minutos enquanto planejava, para satisfação de Tina, os pratos do jantar daquela noite.

Quando ela finalmente foi embora, ele ficou olhando o carro se afastar até vê-lo desaparecer além da esquina, e então compreendeu por que não queria que ela fosse. Tentava adiar sua partida por medo de nunca mais vê-la depois que ela fosse embora.

Não tinha um motivo racional para ter esses pensamentos

— Ah — disse Kennebeck.

— O pai vai protestar.

— Tem certeza?

— Sim.

— Por motivos religiosos?

— Não. O casal se divorciou pouco depois da morte do menino, um divórcio complicado. Michael Evans odeia a ex-esposa.

— Ah, então ele contestaria a exumação só para causar sofrimento a ela?

— Sim, só por isso. Por nenhum outro motivo legítimo.

— Mesmo assim, tenho que considerar a vontade do pai.

— Desde que não haja objeções legais, a lei só requer a permissão de um dos pais em um caso como esse.

— Mesmo assim, meu dever é proteger os interesses de todos os envolvidos.

— Se existe a chance de o pai protestar, isso vai virar uma batalha legal demorada e dura. E vai tomar muito tempo da Justiça.

— Bom, realmente não precisamos disso — Kennebeck reconheceu pensativo. — Nossa agenda da corte já está sobrecarregada e não temos juízes nem dinheiro suficientes. O sistema está rangendo e rachando diante de nossos olhos.

— E quando a poeira baixar, finalmente, minha cliente vai ter o direito de exumar o corpo, do mesmo jeito.

— Provavelmente.

— Definitivamente — Elliot o corrigiu. — O marido só vai tentar a obstrução por ressentimento. Nesse esforço de atingir a ex-esposa, ele desperdiçaria vários dias do tempo da Justiça, e o resultado, no fim, seria exatamente o mesmo que teríamos se não déssemos a ele a chance de protestar.

— Ah... — Kennebeck respondeu com a testa meio franzida. Eles pararam no fim do segundo quarteirão. Kennebeck

gastar o tempo que teriam juntos com pequenos trabalhos mecânicos, como na noite anterior. Em frente à bancada, ele descascou e picou uma cebola pequena, limpou seis talos de aipo e descascou várias cenouras finas. Tinha acabado de abrir uma garrafa de vinagre balsâmico e despejar um pouco do líquido em uma xícara para medir quando ouviu um movimento atrás dele.

Ele se virou de imediato e viu um desconhecido entrar na cozinha pela porta da sala de jantar. O homem tinha pouco mais de um metro e setenta de altura, rosto estreito e uma barba loira e bem-aparada. Usava um terno azul-escuro, camisa branca e gravata azul, e carregava uma espécie de maleta de médico. Parecia estar nervoso.

— O que é isso? — Elliot reagiu.

Nesse momento, outro homem apareceu atrás do primeiro. Era consideravelmente maior que o parceiro: alto, encorpado, mãos grandes e intimidantes; mais parecia uma aberração fugida de um laboratório de experimentos de combinação de DNA dedicado a cruzar humanos e ursos. De calça social bem passada, camisa azul impecável, gravata estampada e jaqueta esportiva cinza, podia ser um pistoleiro profissional tirado às pressas e de maneira desconfortável do batismo do neto do chefe da máfia. Esse último, entretanto, não dava nenhum sinal de nervosismo.

— O que é isso? — Elliot insistiu.

Os dois invasores pararam perto da geladeira, a três ou quatro metros de Elliot. O menor estava agitado, e o maior sorriu.

— Como vocês entraram na minha casa?

— Com uma chave mestra — respondeu o mais alto, sorrindo com ar cordial e assentindo. — Bob aqui — continuou, indicando o homem menor — tem um jogo de ferramentas fantástico, o que torna meu trabalho muito mais fácil.

- O que vocês querem?
- Relaxe — disse o homem mais alto.
- Eu não guardo meu dinheiro em casa.
- Não, não — ele explicou. — Não tem nada a ver com dinheiro.

Bob confirmou balançando a cabeça e franziu a testa, como se ser confundido com um ladrão comum lhe gerasse incômodo.

- Relaxe — repetiu o mais alto.
- Vocês estão no lugar errado — Elliot afirmou.
- Não, você é o cara certo.
- Sim — confirmou Bob. — Você é o cara. Não tem erro nenhum.

A conversa tinha a qualidade desorientadora das trocas entre Alice e os moradores malucos do País das Maravilhas.

Elliot trocou a garrafa de vinagre por uma faca e disse:

- Saiam já da minha casa.
- Fique calmo, Sr. Stryker — pediu o mais alto.
- Sim — Bob concordou. — Por favor, se acalme.

Elliot deu um passo na direção deles.

O homem alto puxou uma pistola com silenciador do coldre de ombro escondido sob a jaqueta esportiva.

- Fique calmo.

No mesmo instante, Elliot recuou contra a pia.

- Isso, assim é melhor — aprovou o mais alto.
- Muito melhor — disse Bob.
- Solte a faca e então todo mundo vai ficar feliz.
- Vamos manter tudo em paz — Bob reforçou.
- Isso, tranquilo e em paz.

O Chapeleiro Maluco apareceria a qualquer momento.

- Vamos lá, abaixe essa faca — disse o mais alto.

Elliot obedeceu, finalmente.

- Empurre a faca na bancada para longe de você.

Elliot fez o que ele dizia.

— Quem são vocês?

— Se você cooperar, ninguém sai daqui machucado — garantiu o homem alto.

— Vamos logo com isso, Vince — disse Bob.

Vince, o mais alto, decidiu:

— Vamos usar aquele canto da mesa.

Bob contornou a mesa redonda, pousou a maleta preta em cima dela, abriu e pegou um gravador de fita cassete. Além do gravador, também tirou da maleta um pedaço de tubo flexível de borracha, um esfigmomanômetro para monitorar a pressão sanguínea, dois frascos pequenos com um líquido cor de âmbar e um pacote de seringas descartáveis.

Elliot reviu mentalmente uma lista de casos tratados atualmente por seu escritório de advocacia, procurando alguma relação com esses dois invasores, mas não conseguiu pensar em nenhuma.

O homem alto gesticulou com a arma.

— Vá até a mesa e sente-se.

— Não enquanto não me disserem o que significa isso.

— Eu dou as ordens aqui.

— Mas eu não vou obedecer.

— Se não se mexer, vou te meter uma bala.

— Não. Não vai — disse Elliot, querendo sentir a confiança com que falava. — Você certamente quer alguma coisa que o impede de atirar em mim.

— Ande logo, para perto da mesa.

— Não enquanto não explicar tudo isso.

O olhar de Vince era ameaçador.

Elliot encarou o desconhecido sem se abalar.

Finalmente, Vince falou:

— Vamos lá, seja razoável. Só precisamos fazer algumas perguntas.

Decidido a não deixar que eles percebessem que estava com medo, consciente de que qualquer sinal de temor seria interpretado como prova de fraqueza, Elliot disse:

— Bom, você tem uma abordagem bem esquisita para quem só quer fazer uma pesquisa de opinião pública.

— Vá logo.

— Para que servem as agulhas?

— Rápido.

— Para que servem?

Vince suspirou.

— Precisamos ter certeza de que vai dizer a verdade.

— Toda a verdade — Bob acrescentou.

— Vão me drogar? — Elliot arriscou.

— De forma eficiente e confiável — Bob garantiu.

— E quando vocês terminarem, meu cérebro vai ter a consistência de uma bala de goma.

— Não, não — Bob protestou. — Essa droga não causa dano físico ou mental duradouro.

— Que tipo de perguntas querem me fazer? — Elliot quis saber.

— Estou perdendo a paciência com você — disse Vince.

— É recíproco.

— Vá logo.

Elliot não se mexeu. Recusava-se a olhar para o cano da arma. Queria que eles pensassem que a pistola não o amedrontava. Por dentro, no entanto, vibrava como um diapásão.

— Seu filho da puta, se mexe!

— Que tipo de perguntas querem fazer?

O homem mais alto franziu a testa.

Bob respondeu:

— Caramba, Vince, fala logo. Ele vai ouvir todas as perguntas de qualquer jeito. Vamos acabar logo com isso e

seguir em frente.

Vince coçou seu queixo de concreto com sua mão de pá, depois levou a mão ao bolso interno da jaqueta. De lá ele tirou algumas folhas de papel dobradas e impressas.

A arma balançou, mas não se desviou do alvo o suficiente para dar alguma chance a Elliot.

— Tenho que fazer todas as perguntas desta lista — Vince anunciou, balançando as folhas para Elliot. — São muitas, trinta ou quarenta, mas não vai demorar, se você se sentar logo e colaborar.

— Perguntas sobre o quê?

— Christina Evans.

Aquelas eram as últimas palavras que Elliot esperava ouvir. Estava perplexo.

— Tina Evans? O que tem ela?

— Preciso saber por que ela quer reabrir o túmulo do filho.

Elliot o encarou espantado.

— Como sabe disso?

— Não interessa — Vince respondeu.

— É — Bob continuou. — Não interessa como sabemos. O que importa é que sabemos.

— Vocês são os filhos da mãe que estão atormentando a Tina?

— Como?

— São vocês que ficam mandando mensagens para ela?

— Que mensagens? — Bob quis saber.

— Foram vocês que destruíram o quarto do menino?

— Do que você está falando? — Vince estranhou.

— Alguém mandou mensagens para ela sobre o menino? — perguntou Bob.

Eles pareciam sinceramente surpresos com a notícia, e Elliot teve certeza de que não eram eles que tentavam assustar Tina. Além do mais, embora ambos parecessem malucos, não

pareciam ser simples fraudadores ou psicopatas que sentiam prazer assustando mulheres indefesas. Eles se comportavam como se fossem integrantes de alguma organização, embora o maior fosse truculento o bastante para passar por um bandido comum. Uma pistola equipada com silenciador, chave mestra, soro da verdade, todo esse aparato indicava que eles eram membros de um esquema sofisticado, com recursos substanciais.

— De que mensagens você está falando? — Vince perguntou, sem desviar a atenção de Elliot.

— Acho que essa é só mais uma ocasião em que você não vai ter uma resposta.

— Ah, vamos ter a resposta, sim — Vince afirmou com frieza.

— Vamos ter todas as respostas que quisermos — Bob concordou.

— Então, doutor, vai colocar a bunda na cadeira ou vai precisar de um incentivozinho? — ele brandiu a pistola novamente.

— Kennebeck! — Elliot exclamou, assustado com o *insight* repentino. — O único jeito de terem descoberto tão depressa sobre a exumação é Kennebeck ter contado a vocês sobre a nossa conversa na festa.

Os dois homens se olharam. Não gostaram de ouvir o nome do juiz.

— Quem? — Vince perguntou, mas era tarde demais para disfarçar a reveladora troca de olhares.

— Por isso ele me pediu mais tempo — Elliot continuou. — Queria que vocês tivessem tempo para me pegar. Por que diabos Kennebeck se importa com o túmulo de Danny, e se ele vai ser aberto ou não? Por que vocês se importam? Quem são vocês?

A aberração saída da ilha do Dr. Moreau não estava mais

impaciente; agora Bob estava bravo.

— Escute aqui, seu idiota de merda, não vou mais fazer seu joguinho. Não vou mais responder a nenhuma pergunta, vou é meter uma bala no seu saco, se não se sentar imediatamente.

Elliot fingiu não ter ouvido a ameaça. A pistola ainda o assustava, mas ele agora estava pensando em outra coisa que o amedrontava ainda mais. Um arrepio se espalhou pela base da coluna e subiu pelas costas quando ele percebeu que a presença desses homens tinha alguma relação com o acidente que matara Danny.

— Tem alguma coisa de errado com a morte de Danny... alguma coisa estranha com a maneira como aqueles escoteiros morreram. A versão que foi contada a todo mundo não corresponde à verdade. O acidente com o ônibus... é mentira, não é?

Nenhum dos dois respondeu.

— A verdade é muito pior — continuou Elliot. — Alguma coisa tão terrível que gente poderosa está tentando esconder. Kennebeck... uma vez agente, sempre agente. Para qual sigla vocês trabalham? Não é para o FBI. Hoje em dia são todos educados, sofisticados. Na CIA também. Vocês são muito toscos. Também não deve ser o CID; não vejo nada de disciplina militar em vocês. Bom, vamos ver. Vocês devem trabalhar para alguma sigla que as pessoas ainda não conhecem. Alguma coisa secreta e bem suja.

O rosto de Vince escureceu como um pedaço de carne em uma chapa quente.

— Porra, eu falei que você ia responder as perguntas daqui para a frente.

— Espere aí — disse Elliot. — Já joguei esse jogo antes. Eu era da inteligência do Exército, isso não é totalmente desconhecido para mim. Sei como funcionam as regras, os movimentos, não precisa ser tão durão comigo. Pode se abrir.

Vamos estabelecer uma trégua.

Bob sentia que Vince estava perdendo a paciência rapidamente, e sabia que isso não os ajudaria a cumprir a missão. Então, ele interveio:

— Escute, Stryker, não podemos responder a maioria de suas perguntas, porque nós mesmo não sabemos as respostas. Sim, trabalhamos para uma agência do governo. Sim, você nunca ouviu falar dela, e provavelmente nunca vai ouvir. Mas não sabemos por que esse garoto, Danny Evans, é tão importante. Não temos os detalhes, nem metade deles. E também não queremos saber. Você entende o que estou dizendo. Quanto menos um homem sabe, menos vai ser perseguido por isso. Porra, não somos nem importantes nesse esquema. É quase como se fôssemos terceirizados. Eles só falam o que precisamos saber. Dá para se acalmar agora? Vamos facilitar o processo. Sente-se aqui, deixe que eu injete isso em você, dê as respostas que a gente quer, e todo mundo vai poder continuar cuidando de suas vidas. Nós não temos o dia todo.

— Se vocês trabalham para um órgão de inteligência governamental, saiam daqui e voltem com a documentação legal — Elliot falou. — Quero mandados de busca e intimações.

— Você sabe que as coisas não funcionam bem assim — Vince respondeu irritado.

— A agência para a qual trabalhamos não existe oficialmente — Bob continuou. — E como uma agência que não existe pode conseguir uma intimação na Justiça, Dr. Stryker?

— Se eu me submeter à droga, o que vai acontecer comigo depois que vocês foram embora?

— Nada — respondeu Vince.

— Nada mesmo — Bob confirmou.

— Como eu posso ter certeza?

Com essa indicação de rendição iminente, o homem mais alto relaxou, embora ainda estivesse vermelho de raiva.

— Já falei. Você nos dá o que queremos, e então nós vamos embora. Só precisamos saber exatamente por que essa mulher quer reabrir o túmulo do filho. Temos que saber se alguém abriu o bico para ela. Se for isso, essa pessoa vai ter a bunda espetada na porta de um celeiro. Mas não temos nada contra você. Nada pessoal. Depois que descobrirmos o que queremos saber, vamos embora.

— E eu vou poder ir à polícia?

— Não temos medo da polícia — Vince falou com arrogância. — E você não vai poder dizer a eles quem somos ou onde podem começar a procurar por nós. Eles não vão achar nada. Em nenhum lugar. Zero. E se encontrarem alguma pista nossa em algum lugar, podemos pressionar os tiras para saírem de trás de nós bem rapidinho. Isso é questão de segurança nacional, parceiro. O governo pode ignorar as regras quanto quiser. Afinal, ele é que cria as regras.

— Não é bem assim que explicam o sistema na faculdade de Direito — Elliot lembrou.

— A teoria nem sempre tem a ver com a realidade — Bob resumiu, ajeitando a gravata com um gesto nervoso.

— Isso — concordou Vince. — E isso aqui é a vida real. Agora ande logo e seja um bom menino.

— Por favor, Dr. Stryker — pediu Bob.

— Não.

Quando tivessem as respostas, eles provavelmente o matariam. Se tivessem a intenção de deixá-lo vivo, não falaria seus nomes na sua frente. E não teriam perdido tanto tempo tentando convencê-lo a cooperar; teriam feito com que ele falasse à força, sem hesitação.

Mas eles queriam sua cooperação, sem recorrer à violência, porque relutavam em deixar marcas; a intenção era fazer sua morte parecer acidente ou suicídio. O cenário era óbvio. Provavelmente, suicídio. Enquanto ainda estivesse drogado,

eles o fariam escrever um bilhete anunciando o suicídio, e o fariam assinar a mensagem com uma caligrafia clara, fácil de identificar. Depois, levariam-no para a garagem, o colocariam dentro da Mercedes e ligariam o motor sem abrir a porta da garagem. Estaria drogado demais para se mover, e o monóxido de carbono cuidaria do resto. Em um ou dois dias, alguém o encontraria ali com o rosto azulado, meio cinza, a língua escura e para fora da boca, os olhos arregalados e fixos no para-brisa, como se dirigisse rumo ao Inferno. Se não houvesse marcas atípicas no corpo, nem ferimentos incompatíveis com a conclusão da perícia sobre suicídio, a polícia se daria por satisfeita.

— Não — ele repetiu, agora em um tom mais assertivo. — Se querem que eu me sente à mesa, vão ter que me arrastar.

TINA LIMPOU toda a bagunça no quarto de Danny e encaixotou tudo o que tinha sido dele. Sua ideia era doar tudo para uma instituição de caridade.

Várias vezes, durante a faxina, esteve à beira das lágrimas, quando alguns objetos lhe trouxeram lembranças do filho. Mas ela rangeu os dentes e resistiu ao impulso de sair do quarto e abandonar a tarefa sem completá-la.

Agora só faltavam três caixas no fundo do *closet* para separar e finalmente terminar. Ela tentou levantar uma das caixas, mas era pesada demais. Então, arrastou-a para o quarto, pelo carpete, para aproveitar nêsgas de luz avermelhada do sol vespertino que passava por entre as árvores do lado de fora, depois entrava pela janela coberta de pó.

Quando abriu a caixa, encontrou parte da coleção de Danny de HQs e *graphic novels*. Eram, basicamente, quadrinhos de horror.

Tina nunca conseguiu entender esse interesse do filho por histórias tão mórbidas. Filmes de monstros, quadrinhos de horror, romances de vampiro, todo tipo de histórias pavorosas, em todos os formatos. De início, essa fascinação crescente por temas macabros não pareceu inteiramente saudável para ela, mas nunca o havia impedido de desenvolver seus gostos. A maior parte dos amigos de Danny compartilhava desse interesse ávido por fantasmas e criaturas estranhas; além do mais, como não era só disso que ele se ocupava, então, ela decidiu não se preocupar tanto com o assunto.

Na caixa havia duas pilhas de revistas em quadrinhos, e as